

Do mesmo autor de *Código de honra* e *Realize seus sonhos*

INTIMIDADE COM DEUS

Como aprofundar o seu
relacionamento e viver uma vida plena

RINALDO SEIXAS



RINALDO SEIXAS

INTIMIDADE COM DEUS

COMO APROFUNDAR O SEU RELACIONAMENTO
E VIVER UMA VIDA PLENA

Mídias Sociais



curta



siga



confira



assista



acesse

Copyright © 2018 por Rinaldo Seixas
Publicado por Editora Mundo Cristão

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da *Nova Versão Transformadora* (NVT), da Editora Mundo Cristão, salvo indicação específica. Usado com permissão da Tyndale House Publishers, Inc. Eventuais destaques nos textos bíblicos e citações em geral referem-se a grifos do autor.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Equipe MC: Maurício Zágari (editor)

Ana Paz

Felipe Marques

Natália Custódio

Diagramação: Luciana Di Iorio

Capa: Maquinaria Studio

Diagramação para e-book: Yuri Freire

S465i

Seixas, Rinaldo
Intimidade com Deus [recurso eletrônico] : como
aprofundar o seu relacionamento e viver uma vida
plena / Rinaldo Seixas. - 1. ed. - São Paulo :
Mundo Cristão, 2018.
recurso digital

Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN: 978-85-433-0358-1 (recurso eletrônico)

1. Vida espiritual - Cristianismo. 2. Deus. 3. Oração.
4. Livros eletrônicos. I. Título.

18-53487

CDD: 231.7

CDU: 2-14

Categoria: Inspiração

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:
Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 69, São Paulo, SP, Brasil, CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
www.mundocristao.com.br

1ª edição eletrônica: dezembro de 2018

SUMÁRIO

Prefácio

Introdução

1. Relacionamento íntimo com Deus
2. Como entrar na presença de Deus
3. A importância da oração
4. Amor, obediência e intimidade
5. Intimidade, amizade e permanência
6. A intimidade é proporcional à fé
7. Transformados pela intimidade

Sobre o autor

PREFÁCIO

Quando conheci o Rina, o grande amor da minha vida, o que mais admirei nele foi o seu coração apaixonado por Jesus e pelos perdidos. Em pouco tempo, percebi que já havia me apaixonado por ele, pois amava vê-lo sorrir, tínhamos muito em comum e nutríamos sonhos bem parecidos. No início do relacionamento, estávamos no auge da empolgação e, sempre que estávamos longe, eu ficava muito ansiosa para encontrá-lo (houve dias em que, como ele demorava a chegar, eu saía de moto na chuva para ir ao seu encontro!).

De modo semelhante, no comecinho do relacionamento com Deus cada pessoa vive o chamado “primeiro amor”, quando a paixão e a vontade de estar perto do Senhor são intensas. Mas Deus nos chama para ir além, a um nível maior de intimidade. Para chegar lá, substituímos a empolgação por entrega total e passamos a pôr Deus no centro de tudo.

O desejo do Senhor é que alcancemos esse nível de intimidade: “Assim diz o SENHOR: ‘Que o sábio não se orgulhe de sua sabedoria, nem o poderoso de seu poder, nem o rico de suas riquezas. Aquele que deseja se orgulhar, que se orgulhe somente disto: de me conhecer e entender que eu sou o SENHOR’ (Jr 9.23-24; cf. Os 6.3).

Intimidade é não ter vergonha de se despir e expor sua verdade. É tornar a alma transparente ao outro, com absoluta confiança. É na intimidade que você conhece profundamente o outro, a ponto de saber o que ele pensa, do que gosta ou não gosta, as virtudes e os valores. É enxergar a essência do outro no dia a dia. É, também, se conectar cada vez mais e mais, mesmo nas horas de sofrimento — na alegria e na tristeza, na saúde e na doença... em todo tempo. O amor jamais acaba quando se chega ao nível de maior intimidade!

Na intimidade nada se oculta, mas se compartilham as dores, as alegrias, as vitórias e as derrotas. É na intimidade com Deus que o amor amadurece e aprendemos a temê-lo e respeitá-lo. E é aos íntimos que o Senhor revela seus segredos. Prossigamos em nos aprofundar na intimidade com nosso maravilhoso Deus, que nos surpreende a cada dia com sua misericórdia e graça.

Tenho convicção de que este livro será um poderoso instrumento para levar você a patamares cada vez mais elevados de intimidade com o Senhor.

DENISE SEIXAS

Pastora, cantora e líder do ministério de louvor da Igreja Bola de Neve, é casada com Rinaldo Seixas, com quem tem quatro filhos

“Naqueles dias, quando vocês clamarem por mim em
oração, eu os ouvirei. Se me buscarem de todo o
coração, me encontrarão. Serei encontrado por vocês”,
diz o SENHOR.

JEREMIAS 29.12-14

INTRODUÇÃO

A era em que vivemos tenta nos arrastar para uma vida totalmente distante de Deus. Ateísmo, secularismo, materialismo, hedonismo, existencialismo... muitas são as estruturas de pensamento que propõem a inexistência do ser criador ou, no máximo, a existência de um deus longínquo, impessoal e irrelevante. Os propagadores mais extremos dessas filosofias propõem que Deus seja considerado uma mentira, um mito, um personagem de ficção construído por mentes ultrapassadas e supersticiosas. Os mais moderados apontam para um Deus que não se mistura com os homens, ou que só se conecta a eles de modo frio e impessoal. Seja como for, os nossos dias apontam para uma geração que despreza a intimidade com Deus.

O Deus vivo e verdadeiro não está alheio a isso. Ele olha para a humanidade de seu trono de glória e, em meio a todo o caos, seus olhos buscam aqueles que estão famintos por sua presença e sedentos pelas revelações mais profundas de seu coração e mente. A atenção divina está voltada para homens e mulheres que não se importam com as seduições deste século e desejam ardente e vigorosamente viver uma intimidade poderosa com o Criador do Universo.

Intimidade com Deus não é um conceito qualquer; antes, é a proposta divina para a humanidade. Deus não formou Adão para que ele vivesse distante de si, tampouco para tê-lo como um estranho: a idealização da humanidade teve como proposta inicial e eterna uma convivência próxima, reveladora, plena e íntima. Infelizmente, a serpente do Éden sabotou a perenidade desse projeto e suspendeu momentaneamente a plena intimidade entre Criador e criatura.

Da Queda à segunda vinda de Cristo, em glória, a humanidade será obrigada a enfrentar uma separação compulsória, provocada pelo pecado, que põe distância entre aquele que é santíssimo e aqueles que carregam a natureza pecaminosa. No entanto, o projeto inicial de Deus permanece latente na alma dos que foram feitos à sua imagem e semelhança, o que leva a humanidade a sentir um vazio dentro do peito que nada consegue preencher.

Muitos procuram preencher esse vazio causado pela perda da intimidade com o Criador com o que não preenche nada. Vícios, sexualidade depravada, prazeres mundanos, dinheiro, bens materiais, consumismo... os deuses deste século não passam de tentativas ineficazes de uma humanidade caída de dar significado à sua existência. Porém, preencher o vazio com coisas vazias evidentemente só poderia resultar em uma vida vazia. É por isso que há tanta infelicidade e sofrimento no mundo, que, longe da fonte de toda alegria, só encontra tristeza e dor.

Só quem pode preencher o vazio deixado por Deus... é Deus.

A busca por intimidade com Deus não é um luxo: é uma necessidade premente. É urgente. Enquanto não entramos no estado eterno, nossa alma clama pelo que tínhamos no estado inicial e perdemos com a Queda. Felizmente, o sangue de Cristo rasgou o véu e nos permitiu voltar aos pés do Criador, resgatando uma vida plena de sentido, alegria e amor. Os braços de Deus estão abertos a todo aquele que o busca, e ele deseja ser encontrado. Cabe a nós nos empenhar para ter um relacionamento íntimo

com Deus, entrando em sua presença por meio de oração, com o coração cheio de amor, em obediência absoluta e com fé proporcional à intimidade que desejamos.

O resultado dessa busca é, sem dúvida, a transformação. Quem parte em direção a Deus terá a mente renovada, o coração aquecido, as pernas fortalecidas, a jornada premiada e os sonhos sintonizados com os propósitos divinos para sua vida.

Neste livro, quero ajudar você a alçar patamares novos e mais elevados em sua jornada com Cristo. O objetivo é levá-lo a ter cada dia mais intimidade com aquele que o ama de forma inigualável, dando sentido à sua vida e fazendo cada minuto de sua caminhada mais significativo, abençoado e extraordinário — para honra e glória de nosso melhor amigo.

1

RELACIONAMENTO ÍNTIMO COM DEUS

O conhecimento e a sabedoria deste mundo vêm do acesso às informações e de sua aplicação. Já a sabedoria do alto é obtida a partir do acesso à revelação dos propósitos divinos. Saber os “porquês” de Deus nos dá a chance de viver com perspectivas eternas, o que é bem diferente de viver considerando apenas o que é temporal e efêmero. Se entendermos a razão de existirmos, gastaremos menos tempo apegados ao que é passageiro, focaremos em Deus e voltaremos nossas energias ao cumprimento de seus propósitos.

Por que existimos? Qual é a razão da nossa vida? A resposta de questionamentos como esses é óbvia e automática para aqueles que creem: existimos e vivemos para a glória de Deus, a fim de adorá-lo e exaltá-lo. Essa resposta, porém, é limitada no que se refere a oferecer uma concepção individualmente significativa.

A revelação do amor de Deus por cada um é importante e fundamental. Deus ama seus filhos individualmente. Ainda que existisse apenas uma pessoa no planeta, Jesus se entregaria por amor ao que ela representaria para Deus.

Tudo o que Deus desejou que soubéssemos a respeito de seu plano está exposto nas Escrituras. Somente a Bíblia é fonte sólida e confiável para desenvolvermos qualquer pensamento acerca do relacionamento entre o homem e seu Criador e ela nos afirma que, ao criar a humanidade, disse Deus: “Façamos o ser humano à nossa imagem; ele será semelhante a nós” (Gn 1.26). Por que Deus faria algo assim? Por que razão ele criaria um ser que carregasse sua imagem e semelhança, uma criatura análoga a ele?

A criação da humanidade não foi um experimento; o Criador tinha em mente um propósito maior que, se ignorado, reduz o entendimento a respeito de Deus a um ser abstrato, impessoal e distante — quando não, um deus criado, que teve seu atestado de óbito assinado pela filosofia humanista.

Em seus últimos anos de vida, o apóstolo João escreveu três cartas. Com a sabedoria e a maturidade adquiridas ao longo dos anos, o ancião não fez rodeios em seus textos bíblicos, mas foi direto ao ponto, sem saudações nem conclusões, chamando a atenção dos leitores para aquilo que considerava fundamental. Ele declara: “Amados, já somos filhos de Deus...” (1Jo 3.2). Em seu Evangelho, João já havia estabelecido essa realidade: “Mas, a todos que creram nele e o aceitaram, ele deu o direito de se tornarem filhos de Deus” (Jo 1.12). O apóstolo amado de Cristo destaca aqui nossa filiação divina, ratificando o que Jesus nos ensinou quando, na oração do Pai-nosso, nos orientou a chamar Deus de “Pai” (Mt 6.9).

O ensino de Jesus provocou uma quebra de paradigmas, pois, até então, os judeus nunca haviam se relacionado com Deus como um pai. Jesus não usou termos como “El-Shadai”, “Jeová-Jireh”, “Jeová-Tsidkenu” ou “Jeová-Nissi” para se referir à primeira pessoa da Trindade, pois essas são designações que apontam para seus atributos ou para aquilo que ele faz, enquanto o termo “Pai” aponta para quem ele é.

As palavras de Jesus indicam a existência de uma relação íntima entre quem gera e quem é gerado e sinalizam uma troca de experiências, um

cruzamento de mundos. Na oração do Pai-nosso, aprendemos que o Pai deseja viver uma relação direta com os homens. Como Pai, ele quer construir redes de relacionamento com seus filhos, feitos à sua imagem e semelhança.

Deus contempla milhões de galáxias e todas as espécies criadas e também escuta dia e noite anjos exaltarem sua santidade. Ainda assim, em meio a toda essa grandeza, ele deseja se relacionar de forma afetiva com os seres humanos. O Pai é amoroso, gracioso, misericordioso, compassivo, sensível e gosta da presença de seus filhos. Ele não é indiferente e controlador, salivando por culpar, acusar e condenar. Antes, é um pai que deseja ser conhecido e desenvolver vínculos com os filhos que ama. Como o Pai que é, Deus valoriza o tempo que você dedica a buscá-lo e tem prazer em se deixar encontrar.

Se a paternidade divina já é, por si só, maravilhosa, João nos deu mais boas notícias: no futuro, entraremos em um nível ainda mais pessoal e íntimo em nossa relação com Deus: “Amados, já somos filhos de Deus, mas ele ainda não nos mostrou o que seremos quando Cristo vier” (1Jo 3.2). O que seremos? Será que Deus planejou um patamar de relacionamento ainda maior conosco do que o proporcionado pela paternidade? Se, hoje, nos relacionamos com ele como Pai, será que um dia viveremos outro tipo de relacionamento com ele?

Para responder a essa questão, precisamos recorrer a Gênesis. Nos primórdios da humanidade, Deus constatou: “Não é bom que o homem esteja sozinho” (Gn 2.18). Curioso. Por que Deus criaria o homem para, depois, declará-lo incompleto? Nada nos planos de Deus é destituído de propósito. Com essa afirmação, o Criador externava que o ser humano necessitava de alguém que o completasse. E, se uma mulher ajudadora de carne e osso passou a completar o quadro, isso ocorreu como reflexo de uma profunda realidade espiritual: se nós somos a noiva, ele é o noivo.

Não há nenhum outro tipo de relacionamento entre os homens que ilustre melhor a espécie de conexão íntima que Deus deseja ter conosco do que o de um marido e sua esposa. O filho tem intimidade com o pai, mas o cônjuge desfruta de um relacionamento extremamente mais profundo. Assim, alegoricamente, ao criar um homem e uma mulher para serem marido e mulher, Deus estava chamando seu povo para uma união santa com ele que encontra no casamento a sua melhor equiparação em termos humanos.

Mesmo estando Deus cercado de miríades de anjos e tendo ele criado os animais, nenhuma dessas espécies de seres criados seria adequada para proporcionar a intimidade, a amizade, o companheirismo e a afetividade que Deus almejava. Afinal, nenhuma delas carregava sua imagem nem eram semelhantes a ele.

O propósito e o desígnio de Deus para o universo sacramentam que somente seres semelhantes têm permissão para o tipo de união íntima que o Criador almeja, cada um segundo sua própria espécie (Gn 1.21-24). Deus só quer unir-se intimamente a seres como ele mesmo.

Deus, então, induziu Adão a um sono profundo e removeu uma de suas costelas. Dela, Deus fez uma esposa para o primeiro homem. Semelhantemente, Jesus entrou na morte, por nós, foi transpassado por uma lança na cruz — e de sua lateral saíram sangue e água (Jo 19.34). O derramamento desse sangue viabilizou o surgimento da noiva de Cristo, a Igreja.

Um dos mais poderosos desejos de homens e mulheres é casar com alguém que amem profundamente. Do mesmo modo, Jesus aguarda o dia de seu “casamento” com a Igreja e anela por sua noiva (Ap 19.7). *Noiva e esposa* são palavras que imprimem intensidade ao relacionamento entre o homem e Deus e, por essa razão, a mente carnal pode interpretá-las de maneira equivocada. Obviamente, esse relacionamento não será exatamente como ocorre entre homem e mulher na terra, mas,

indiscutivelmente, o amor intenso de Deus foi transposto — de modo imperfeito e limitado — para aqueles que criou à sua imagem.

Verdades como essa deveriam despertar expectativa por mais conhecimento de Deus e provocar em nosso espírito fome por sua presença. Não podemos nos limitar pela forma como o conhecemos no passado, nem estacionar na busca por intimidade, tampouco desprezar seu intento de se relacionar intimamente conosco. Ele nos ama e procura aqueles que o amarão da mesma forma. Daí, a importância do mandamento: “Ame o Senhor, seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e de toda a sua mente” (Mt 22.37).

A esse respeito, nada é impessoal e distante. Amar a Deus é imperativo, é uma ordenança. O que você poderia dizer hoje sobre seu relacionamento com ele? Deus é seu maior amor? Ou você o tem mantido a uma “distância segura”? Não haverá intimidade verdadeira enquanto não abrirmos nosso coração a ele, o que o levará a formar em nós a essência e o caráter da noiva que espera encontrar: belamente vestida para seu marido (Ap 21.2). E tudo isso é resultado do plano de Deus para a humanidade.

O plano de Deus

A terra foi criada para ser uma extensão dos céus. Deus formou Adão, que deveria ser seu embaixador na terra e tinha como tarefa povoá-la com filhos que amassem e conhecessem intimamente a Deus — e, também, fossem seus sacerdotes. Com a queda de Adão, o plano original foi comprometido e a terra acabou povoada por nações que não conheciam nem adoravam a Deus; antes, serviam falsos deuses.

Abraão foi eleito, então, para dar início a um povo, uma nação de sacerdotes. Deus se revelaria aos descendentes de Abraão, que poderiam ensinar e discipular as nações da terra pela apresentação da lei que receberiam de Deus — pois, por meio dela, as nações conheceriam a perfeição da justiça de Deus.

Abraão gerou Isaque, que gerou Jacó, cujo nome Deus mudou para Israel. Ele, por sua vez, gerou doze filhos, que deram origem às tribos de Israel. Deus, então, usou José, um dos doze, para proteger seus propósitos, e as doze famílias acabaram se mudando para o Egito. Gerações depois, seus descendentes foram escravizados, mas, ao final de quatrocentos anos servindo no Egito, o povo foi liberto por meio de Moisés, o enviado escolhido de Deus, a quem ele se revelou pessoalmente. A Bíblia diz como Moisés, pela fé, realizou proezas depois de ter sido tocado por Deus:

Pela fé, os pais de Moisés o esconderam por três meses tão logo ele nasceu, pois viram que a criança era linda e não tiveram medo de desobedecer ao decreto do rei.

Pela fé, Moisés, já adulto, recusou ser chamado filho da filha do faraó, preferindo ser maltratado junto com o povo de Deus a aproveitar os prazeres transitórios do pecado. Considerou melhor sofrer por causa do Cristo do que possuir os tesouros do Egito, pois tinha em vista sua grande recompensa. Pela fé, saiu do Egito sem medo da ira do rei e prosseguiu sem vacilar, como quem vê aquele que é invisível. Pela fé, ordenou que o povo de Israel celebrasse a Páscoa e aspergisse com sangue os batentes das portas, para que o anjo da morte não matasse seus filhos mais velhos.

Pela fé, o povo de Israel atravessou o mar Vermelho, como se estivesse em terra seca. Quando os egípcios tentaram segui-los, morreram todos afogados.

Hebreus 11.23-29

O fato de Moisés crescer no meio da realeza do Egito significa que ele foi educado como um membro de uma das famílias mais poderosas da terra naquele dias. Aquela nação era forte em economia, cultura, avanços científicos, matemática, arquitetura e engenharia, entre outras áreas do conhecimento. E Moisés teve total e irrestrito acesso a essa cultura.

Chegou o dia em que Moisés compreendeu que estava no Egito, mas não pertencia a ele. Aquele hebreu se deu conta de que seu povo era escravo e aquilo o incomodou; incômodo esse que culminou com a morte, por suas mãos, de um egípcio que espancava um israelita. Sua atitude provocou a hostilidade do Faraó, o que levou Moisés a fugir rumo à

longínqua terra de Midiã. Era hora de, na solitude do deserto, encontrar-se com Deus e conectar-se ao seu destino.

Moisés passou quarenta anos no Egito, crendo que era alguém; depois, quarenta anos no deserto, descobrindo que, sem Deus, não era ninguém; e, por fim, viveu os últimos quarenta anos de vida cumprindo seu propósito e sua missão, guiado e conduzido por Deus. O processo que Moisés viveu é um exemplo de que Deus muitas vezes nos deixa enfrentar situações adversas a fim de nos quebrantar e nos ensinar a depender dele.

Nessa época, Moisés conheceu uma mulher midianita, Zípora, e se casou com ela. É possível que ele acreditasse que viveria o resto de seus dias de forma pacata, pastoreando ovelhas e cuidando exclusivamente de sua família. Mas, se foi o caso, ele descobriu estar redondamente enganado. Deus se apresentou a ele e deu início a uma revolução em sua vida. Desde o momento em que se revelou a Moisés em meio a um arbusto em chamas, Deus iniciou um longo processo de desenvolvimento de intimidade com ele.

Diante daquela sarça ardente, que queimava sem ser consumida, começou um processo de morte e ressurreição. O antigo Moisés, com todos seus medos, inseguranças e limitações, foi sepultado, dando lugar a um Moisés poderoso em obras e palavras, como fruto de um relacionamento pessoal.

“Eu sou o Deus de seu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó” (Êx 3.6), revelou-se. A partir desse momento, aquela amizade capacitaria Moisés a operar sobrenaturalmente, com poder e sinais. Sinais são uma evidência do respaldo de Deus, como afirmou Nicodemos a Jesus: “Rabi, todos nós sabemos que Deus enviou o senhor para nos ensinar. Seus sinais são prova de que Deus está com o senhor” (Jo 3.2). No caso de Moisés, os sinais eram a forma de Deus revelar que sua mão estava sobre aquele a quem havia levantado.

Deus, então, usa Moisés para tirar o povo do Egito e os conduz até o monte Sinai. Os israelitas não poderiam obter a promessa sem conhecer aquele que prometeu. O processo de libertação dos hebreus da escravidão do Egito foi marcado por milagres e sobrenaturalidade: as dez pragas, a purificação das águas amargas em Mara, o maná e as codornas foram demonstrações visíveis de que Deus estava agindo entre eles. Porém, se tinham milagres, provisão e prosperidade, ainda não tinham intimidade com o Senhor.

Nossa busca por Deus não deve ser movida por sede de milagres e provisão para nossas necessidades. Ele ama prover, mas ser pai é muito mais que isso. Tanto os sinais quanto as bênçãos são meios de atrair nossa atenção para o senhorio divino.

Em certa ocasião, Jesus multiplicou pães e peixes. O que a multidão fez? Mobilizou-se para proclama-lo rei: “Quando o povo viu Jesus fazer esse sinal, exclamou: ‘Sem dúvida ele é o profeta que haveria de vir ao mundo!’. Jesus sabia que pretendiam obrigá-lo a ser rei deles, de modo que se retirou, sozinho, para o monte” (Jo 6.14-15). Por que Jesus tomou essa atitude? Porque o povo tinha a expectativa de que o messias seria um rei que resolvesse seus problemas terrenos. No entanto, Jesus veio apresentar um reino que não é comida nem bebida.

O resultado dessa revelação é que muitos deixaram de segui-lo, pois queriam os milagres, as curas e as bênçãos, mas não o compromisso. E, desse modo, não teriam intimidade. O mais básico nível de vida é aquele em que se vive para satisfazer os desejos do meu corpo, da minha carne: comida, bebida, sexo, habitação, saúde e segurança. Aquele que evolui um pouco dá sentido mais amplo à vida. Ele passa a se dedicar a saciar os desejos da sua alma, como educação, cultura, lazer, entretenimento, turismo, *status*, bens, comodidade, conforto, poder e influência. O mais alto nível só é alcançado quando necessidades espirituais são priorizadas,

como conhecimento de Deus, propósito, sentido, sabedoria do alto, revelação e entendimento espiritual.

Jesus mostrou que seu reino é muito mais que comida e bebida e que seu propósito vai muito além de responder aos anseios básicos que movem os homens: “Muito dinheiro no bolso, saúde para dar e vender”. Ele veio revelar o governo de Deus, o reino de Deus, o conhecimento de Deus. Sua missão era conduzir seus seguidores a uma dimensão sobrenatural, conectando-os às coisas do alto e despertando sua fé para as realidades eternas. Mais valiosa que o pão e o peixe, que alimentam o corpo, era a sua palavra, que alimenta o espírito.

Moisés passou a conhecer Deus intimamente, numa amizade nítida. Quando Araão e Miriã se rebelaram contra a liderança de Moisés, Deus saiu em sua defesa:

Se houver profeta entre vocês, eu, o SENHOR, me revelarei em visões; falarei com ele em sonhos.

Não é assim, porém, com meu servo Moisés; ele tem sido fiel em toda a minha casa.

Falo com ele face a face, claramente, e não por meio de enigmas; ele vê a forma do SENHOR.

Como vocês ousaram criticar meu servo Moisés?

Números 12.6-8

A impressão que muitos têm ao ler essas palavras de Deus é que ele se revelaria dessa forma, tão pessoal, íntima, sobrenatural e miraculosa, apenas a Moisés. Mas, quarenta dias depois da travessia do mar Vermelho, algo interessante ocorreu. Aos pés do monte Sinai, Deus expôs o desejo de se tornar conhecido de cada membro daquele povo: homens, mulheres, velhos e crianças. A condição era a santificação, pois, do contrário, a natureza humana não suportaria a glória de Deus e muitos seriam consumidos. Porém, apenas Moisés subiu ao topo do monte, onde foi impactado pela manifestação da presença gloriosa de Deus — um encontro de tamanha intimidade que transformou completamente sua existência.

Íntimo por andar com Deus

A busca consistente e verdadeira por Deus cria o cenário adequado para um encontro com a plenitude do divino. “Venha o teu reino. Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu” (Mt 6.10) não são apenas palavras ditas ao vento; antes, expressam o nosso mais profundo anseio de transformação da terra em um lugar mais parecido com o céu do que com o inferno. Um dos desígnios da Igreja é ser agente de transformação cultural. Foi isso que Jesus quis dizer quando nos chamou de luz do mundo e sal da terra.

Os maiores diferenciais dos íntimos de Deus foram, são e sempre serão o acesso à sabedoria divina e o discernimento espiritual. Moisés foi um dos homens com mais discernimento espiritual que já viveram sobre a face da terra! Chama nossa atenção a capacidade de liderança de Moisés, pois, na maioria das ocasiões de crise, ele soube exatamente o que fazer e como agir. Suas decisões eram orientadas por Deus. Assim, ele deu direção ao povo em situações sem precedentes. Sua confiança na hora de tomar decisões estava naquilo que aprendia e ouvia do próprio Deus, como fruto da intimidade que havia entre eles.

O segredo de Moisés era que ele dizia o que ouvia Deus dizendo e fazia aquilo que via Deus fazendo. Moisés dependia totalmente de Deus:

Então Moisés disse ao SENHOR: “Tu me ordenaste: ‘Leve este povo’, mas não disseste quem enviarias comigo. Declaraste: ‘Eu o conheço pelo nome e me agrado de você’. Se é verdade que te agradas de mim, permita-me conhecer teus caminhos para que eu te conheça melhor e continue a contar com teu favor. E lembra-te de que esta nação é teu povo”.

O SENHOR respondeu: “Acompanharei você pessoalmente e lhe darei descanso”.

Então Moisés disse: “Se não nos acompanhares pessoalmente, não nos faças sair deste lugar. Se não nos acompanhares, como os outros saberão que meu povo e eu contamos com teu favor? Pois é tua presença em nosso meio que nos distingue, teu povo e eu, de todos os outros povos da terra”.

O SENHOR respondeu a Moisés: “Certamente farei o que me pede, pois me agrado de você e o conheço pelo nome”.

Moisés disse: “Então peço que me mostres tua presença gloriosa”.

Repare o que Deus diz a Moisés: “[...] me agrado de você e o conheço pelo nome”. Quanta intimidade! O apóstolo Paulo descreve um de nossos propósitos principais: “Portanto, todos nós, dos quais o véu foi removido, podemos ver e refletir a glória do Senhor, e o Senhor, que é o Espírito, nos transforma gradativamente à sua imagem gloriosa, deixando-nos cada vez mais parecidos com ele” (2Co 3.18). Esse é o processo que nos transforma de glória em glória, de contemplação em contemplação, de experiência em experiência com Deus, contemplando essa glória de perto, como por um espelho. Nós não mudamos para ter comunhão com ele; antes, mudamos em razão de termos essa comunhão! Eu me torno íntimo de Deus por andar com ele.

Crer é mais que a aceitação racional de que Jesus é o filho de Deus. Se o entendimento não for transferido para o coração, não haverá evolução, revelação nem intimidade. A história de Moisés é uma referência de como a intimidade com Deus abre os céus. “Pois é crendo de coração que você é declarado justo...” (Rm 10.10). Não é apenas o que cremos, mas *como* cremos. No deserto, o povo cria, mas a constante murmuração mostrava que não cria de coração. O modo como vivemos diz se essa crença está na mente ou foi transferida para o coração. As respostas de confiança irrestrita em Deus e sua Palavra, principalmente em temporadas de tribulação, criam o ambiente propício para o desenvolvimento de laços de intimidade.

Jesus classificou os que creem em dois grupos, e os definiu por limites bem claros: os que buscam a Deus em primeiro lugar e os que buscam o favor de Deus para possuir as outras coisas.

“Portanto, não se preocupem, dizendo: ‘O que vamos comer? O que vamos beber? O que vamos vestir?’. Essas coisas ocupam o pensamento dos pagãos, mas seu Pai celestial já sabe do que vocês precisam. Busquem, em primeiro lugar, o reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas lhes

serão dadas” (Mt 6.31-33). Somos condicionados a crer que buscar a presença de Deus é conseguir que ele faça algo por nós, mas, na verdade, o convite é para priorizar o relacionamento com ele e nos envolver em seus interesses.

O cruzamento de nosso mundo com o dele nos torna beneficiários de seu sistema de recompensas, como consequência e não como causa desse relacionamento. Deus é galardoador daqueles que o buscam. Aquele que o buscou e conheceu nunca mais será o mesmo nem estará pleno com nada que não seja o próprio Deus. As “coisas que nos podem ser dadas” são um alicerce muito instável para edificar algo. Quem encontra Deus considera impossível fundamentar sua vida no que é perecível e passageiro, naquilo que hoje existe e amanhã vira pó.

Deus deseja se relacionar pessoalmente com cada um de nós. Mas houve na história aqueles que realmente se destacaram por sua intimidade com Deus, como Moisés: “Ali o Senhor falava com Moisés face a face, como quem fala com um amigo” (Êx 33.11). A Bíblia nos relata que Moisés saía dos encontros com Deus com intenso brilho no rosto, que refletia a glória divina (Cf. Êx 34). De Moisés até Jesus, não há nenhum outro caso em que a glória de Deus tenha se manifestado de forma tão visível e real.

O temor de Deus produz intimidade

No salmo 25, Davi clama por perdão, uma vez que havia pecado contra Deus. Em meio a lágrimas e profunda dor, ele faz uma declaração especial: “O SENHOR é amigo dos que o temem; ele lhes ensina sua aliança” (Sl 25.14). Em razão de sua desobediência, Davi havia perdido sua comunhão e intimidade e agora buscava, em oração, se reconectar. É quando ele chega a essa conclusão. No original em hebraico, Davi fala do tipo de intimidade específica de um amigo a quem são revelados segredos.

A melhor definição bíblica de temor é “reverência moral”, isto é, obediência. Se faltar obediência, faltou temor de Deus e,

consequentemente, não haverá intimidade, pois Deus não pode ser amigo de quem ama o pecado. A transgressão sempre traz consigo consequências nefastas, entre elas, a quebra da comunhão com Deus. A religiosidade faz você acreditar que, mesmo em pecado, se você crer e cumprir as obrigações religiosas, estará bem com Deus. Mas a maneira como a Bíblia aborda o assunto é diferente.

Você pode investir tempo e energia em seu esforço religioso, mas, se escolher viver em pecado, deixará claro que a intimidade com Deus não é sua prioridade. Jesus foi claro:

A árvore boa não pode produzir frutos ruins, e a árvore ruim não pode produzir frutos bons. Toda árvore que não produz bons frutos é cortada e lançada ao fogo. Portanto, é possível identificar a pessoa por seus frutos.

Nem todos que me chamam: “Senhor! Senhor!” entrarão no reino dos céus, mas apenas aqueles que, de fato, fazem a vontade de meu Pai, que está no céu. No dia do juízo, muitos me dirão: “Senhor! Senhor! Não profetizamos em teu nome, não expulsamos demônios em teu nome e não realizamos muitos milagres em teu nome?”. Eu, porém, responderei: “Nunca os conheci. Afastem-se de mim, vocês que desobedecem à lei!”.

Mateus 7.18-23

Se você escolhe fornicação, adultério, engano, prostituição, lascívia, promiscuidade, mentira, corrupção e tantas outras formas de entristecer o Espírito Santo, pode até acreditar que está bem com Deus, mas estará vivendo uma mentira religiosa. A intimidade que Moisés desenvolveu com aquele que o chamou começou no momento em que, diante da sarça ardente, respondendo ao chamado de Deus, ele se entregou por completo, obedecendo sem restrições.

A partir do momento em que Adão e Eva romperam, pelo pecado, a comunhão com Deus, teve início o plano de levar a humanidade de volta ao relacionamento com ele. No entanto, ao longo da história, a humanidade rejeitou Deus e seus caminhos. Por isso, Deus escolheu um homem, Abraão, com quem construiria uma nação, Israel, por meio da qual pudesse ilustrar o que sempre tivera em mente para toda a

humanidade. Israel se tornaria o modelo de relacionamento que ele desejaria ter com todos.

Quanto mais nos aprofundamos, mais descobrimos que a história de Israel nos ensina que Deus está à procura da restauração da intimidade que lhe permitiria estar face a face com seus filhos. Com a trajetória de Israel ao longo dos séculos, aprendemos como responder a Deus e como não lhe responder. Foi exatamente nesse ponto que Moisés se destacou, pois correspondeu ao seu chamado com as respostas certas, apesar de sua insegurança inicial.

Jesus veio ao mundo como a resposta de Deus à fome espiritual da humanidade de se reconectar com o Criador. Ele veio tornar possível a todos, e não apenas a Moisés, a verdadeira comunhão íntima com Deus. Porém, sem arrependimento é impossível para a humanidade conhecê-lo. Foi por isso que Jesus começou seu ministério com a declaração: “Arrependam-se, pois o reino dos céus está próximo” (Mt 3.2).

O êxodo é provavelmente o fato histórico mais incrível de que temos registro. Dificilmente veremos outro momento na história da humanidade em que um povo escravo simplesmente se levantou e saiu do país onde estava escravizado. Mas, na perspectiva daquele que libertou Israel, o objetivo da libertação nunca foi ela em si, mas, sim, o propósito maior para o qual a libertação aconteceu. O mesmo é verdade com respeito à salvação.

Nunca podemos nos esquecer de que estivemos mortos em nossos delitos e pecados e Deus nos resgatou, redimiou e fez de nós sua habitação. A forma como Deus alcançou e libertou cada um de nós certamente é maravilhosa e especial, mas essa libertação tem um propósito. A vida no reino de Deus é muito mais do que o ingresso no reino. Jesus se apresentou como a porta, mas também como o caminho.

A história do êxodo nos ensina que é possível as pessoas serem libertas do jugo da escravidão e, ainda assim, não entrarem na terra prometida.

Todos aqueles que pertenciam a geração que saiu do Egito, com exceção de Josué e Calebe, morreram no deserto. A razão foi a falta de arrependimento, a recusa a renovar a mente.

Da mesma forma, muitos cristãos se arrependem o suficiente para ser perdoados, mas não o suficiente para entrar na eternidade na presença de Deus. Sem arrependimento, o que sobra é uma religiosidade formal. E, quando a espiritualidade viva é substituída pela religiosidade mórbida, o que resta é uma bola de ferro acorrentada aos pés.

A diferença entre espiritualidade e religião

A religião desperta um apetite que não pode satisfazer ninguém. Ela vende o que não pode entregar e começa o que não pode terminar. Por natureza, a religiosidade dá valor à forma, isto é, à informação sem a experiência. Ela valoriza o exterior, mas ignora os anseios do coração e a fome da alma.

A religião alimenta o espírito com substitutos artificiais, sem dar oportunidade para o conhecimento real de Deus. Ela pode ser, portanto, cruel e enfadonha. Por isso, Jesus disse aos religiosos: “Que aflição os espera, mestres da lei e fariseus! Hipócritas! Fecham a porta do reino dos céus na cara das pessoas. Vocês mesmos não entram e não permitem que os outros entrem” (Mt 23.13).

A diferença fundamental entre cristianismo autêntico e religião é conhecer e ser conhecido por Deus, e não apenas ter informações sobre ele. A única coisa mais importante do que conhecer Deus é ser conhecido por ele. Como vimos, Jesus advertiu que, nos últimos tempos, muitos ouviriam de Deus: “Nunca os conheci. Afastem-se de mim, vocês que desobedecem à lei!” (Mt 7.23).

Possuir informações a respeito de alguém não é o mesmo que conhecer esse alguém. Deus sabe mais sobre a sua vida do que você jamais poderia saber a respeito de si mesmo, mas essas informações não são suficientes para fundamentar um relacionamento íntimo. Um relacionamento exige

mutualidade, cumplicidade e envolvimento. Para que Deus me conheça, preciso abrir meu coração de forma sincera e verdadeira e lhe dar acesso aos porões mais escuros da minha alma.

A confissão dos pecados é o ponto de partida, o começo do relacionamento. Quando confesso meus pecados, desobstruo o canal de comunicação, torno possível uma relação. Confessando minhas transgressões, eu crio a possibilidade de um relacionamento pessoal. No entanto, ele só vai se sustentar se houver confiança, sinceridade, honestidade, verdade e cumplicidade.

Todo o povo de Israel foi convidado a subir o monte e conhecer a Deus. No entanto, entre todos os israelitas que saíram do Egito, somente Moisés aceitou o convite. Esse é um fato importante. Um dos motivos para o povo ter rejeitado o convite divino para subir o monte Sinai e conhecer a glória divina foi o medo. Moisés sabia que esse medo de morrer na presença de Deus não era infundado, pois Deus lhe dissera: “Mas você não poderá olhar diretamente para minha face, pois ninguém pode me ver e continuar vivo” (Êx 33.20).

Essa declaração não deixa dúvidas de que ver a Deus em sua plenitude mataria qualquer um, o que leva a uma conclusão óbvia: Moisés decidiu em seu coração que, para conhecer a Deus, valia a pena correr o risco de morrer. É interessante perceber isso, pois, mais tarde, o mesmo Deus que disse que quem visse sua face morreria declarou que falava com Moisés face a face. Haveria aqui alguma incongruência? Como entender essa aparente incoerência?

A experiência de João, relatada em Apocalipse, nos oferece uma pista sobre o que aconteceu com Moisés:

Eu, João, irmão e companheiro de vocês no sofrimento, no reino e na perseverança para a qual Jesus nos chama, estava exilado na ilha de Patmos por pregar a palavra de Deus e testemunhar a respeito de Jesus. Era o dia do Senhor, e me vi tomado pelo Espírito. De repente, ouvi atrás de mim uma forte voz, como um toque de trombeta, e a voz dizia: “Escreva num livro tudo que você

vê e envie-o às sete igrejas nas cidades de Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodiceia”.

Quando me voltei para ver quem falava comigo, vi sete candelabros de ouro e, em pé entre eles, havia alguém semelhante ao Filho do Homem. Vestia um manto comprido, com uma faixa de ouro sobre o peito. A cabeça e os cabelos eram brancos como a lã e a neve, e os olhos, como chamas de fogo. Os pés eram como bronze polido, refinado numa fornalha, e a voz ressoava como fortes ondas do mar. Na mão direita tinha sete estrelas, e de sua boca saía uma espada afiada dos dois lados. A face brilhava como o sol em todo o seu esplendor.

Quando o vi, caí a seus pés, como morto [...].

Apocalipse 1.9-17

João está narrando seu encontro com o Senhor. Em sua visão, ele se aproximou o suficiente para descrever a aparência de Deus detalhadamente, em sua plenitude. No entanto, João não morreu, mas apenas se sentiu “como morto”. Com certeza, João não saiu daquele encontro da mesma maneira. O impacto daquela experiência sem dúvidas o transformou. Como cada pessoa que encontrou a face de Deus na Escritura, ele “morreu” para quem ele era e saiu daquele encontro completamente diferente.

Quando nos encontramos com Deus, algo em nós sempre morre, mas é somente a parte que nos impede de nos tornarmos mais parecidos com Jesus. É como um escultor que talha uma madeira: ele extrai dela tudo o que não se parece com o objeto que está esculpindo. É exatamente isso que Deus faz conosco: ele mata, em nós, aquilo que não se parece com Jesus.

Moisés e os que tiveram um encontro pessoal com Deus o conheceram numa dimensão que simplesmente não está acessível aos que se satisfazem com a tradição, os protocolos e a simples informação a respeito de Deus. A Bíblia fala sobre pessoas que escolhem o relacionamento com Deus e também as que optam pela religião.

O desenvolvimento da intimidade no relacionamento com Deus exige sacrifícios. O maior deles é o estar disposto a abrir mão da necessidade de compreender e explicar tudo. Não vemos nas Escrituras nenhum daqueles

que foram impactados pela glória de Deus, ou arrebatados por visões espirituais, tentando racionalizar o que viveram: eles apenas tiveram a experiência e cresceram na fé e na aliança com Deus.

Temos de escolher ser dirigidos pelo Espírito Santo a lugares fora do caixote da lógica e da razão, que insistem em crer apenas naquilo que conseguem explicar. Só assim seremos conduzidos a domínios mais profundos da verdade.

Deus não nos tirou do Egito para acamparmos no deserto, mas pra nos levar à terra prometida, em constante expansão no conhecimento dele. Infelizmente, muitos seguidores de Jesus estão satisfeitos com a simples promessa de ir para o céu, em vez de se sentirem inspirados e desafiados a buscar intimidade com Deus. Encontros com ele são poderosos o suficiente para transformar um perseguidor da Igreja em um apóstolo de Jesus, como aconteceu com Paulo, na estrada de Damasco. O resultado será arrependimento, quebrantamento e transformação.

A vida de Moisés é um convite à intimidade com Deus, um convite que vem ecoando ao longo dos séculos. Deus espera que cada um de seus filhos o conheça pessoalmente. Antes de Jesus, a arca da aliança representava a presença de Deus. No tabernáculo e, depois, no templo, a arca ficava no lugar santíssimo. Entre esse local e o lugar santo, havia um véu. Uma vez por ano, o sumo sacerdote entrava naquele recinto e, se estivesse em pecado, morreria. Entre tantos fenômenos sobrenaturais que ocorreram na crucificação de Jesus, um dos mais significativos foi o que ocorreu a esse véu: “Então Jesus clamou em alta voz e deu o último suspiro. A cortina do santuário do templo se rasgou em duas partes, de cima até embaixo” (Mc 15.37-38).

O véu que separava já não separa mais. Aquele que se arrepender e crer terá acesso à presença de Deus. Nada na vida terrena tem mais valor que estar na presença manifesta de Deus e corresponder ao convite para

conhecê-lo e ser conhecido por ele. É para isso que fomos feitos, e somente isso satisfará os mais profundos anseios de nosso coração.

O nome disso? *Intimidade*.

2

COMO ENTRAR NA PRESENÇA DE DEUS

A Bíblia registra uma declaração de Deus que expressa como poucas o coração e a intenção do Senhor ao se revelar ao homem, se tornar conhecido, se relacionar, interagir e se deixar encontrar, como um pai que deseja estar na presença dos filhos: “Se me buscarem de todo o coração, me encontrarão” (Jr 29.13).

O que dá sentido à busca é o encontro. O prêmio é o próprio Deus, sua presença, amizade, intimidade, unção e visitação. Ao contemplar sua glória e desfrutar de sua presença, vivenciaremos experiências maravilhosas, indescritíveis, sobrenaturais e transformadoras.

Fomos criados para estar em perfeita comunhão com Deus. No Éden, ele próprio visitava o homem todos os dias, no entardecer. Mas, no dia em que o homem quebrou a aliança que havia entre eles, foi diferente. “Quando soprava a brisa do entardecer, o homem e sua mulher ouviram o Senhor Deus caminhando pelo jardim e se esconderam dele entre as árvores” (Gn 3.8).

Gênesis deixa claro como nossas escolhas afetam diretamente o relacionamento com Deus. O homem vivia em um ambiente perfeito e

desfrutava da comunhão com Deus, mas sua desobediência gerou consequências, maldições e o afastamento da divina presença. A humanidade perdeu a comunhão com o Pai, que, mesmo assim, não deixou de amá-la. Porém, como o pecado fez separação entre Deus e o homem, esse foi expulso do jardim.

Tempos depois, Adão e Eva formaram uma família. Foi quando seu filho Caim se voltou contra o irmão, Abel, e resolveu matá-lo. O resultado do derramamento do sangue inocente foi um afastamento ainda maior da presença de Deus. Surge, então, a pergunta: como fazer o caminho de volta?

Portanto, irmãos, por causa do sangue de Jesus, podemos entrar com toda confiança no lugar santíssimo. Por sua morte, Jesus abriu um caminho novo e vivo através da cortina que leva ao lugar santíssimo. E, uma vez que temos um Sumo Sacerdote que governa sobre a casa de Deus, entremos com coração sincero e plena confiança, pois nossa consciência culpada foi purificada, e nosso corpo, lavado com água pura.

Apeguemo-nos firmemente, sem vacilar, à esperança que professamos, porque Deus é fiel para cumprir sua promessa.

Hebreus 10.19-23

Essa narrativa nos ensina a entrar na presença de Deus com o espírito reto, a abordagem e a preparação corretas para que possamos ter comunhão com ele e oferecer orações eficazes como sacerdotes de Deus. Para que você compreenda melhor o fato de que, hoje, todos somos sacerdotes de Deus, precisamos recorrer a Levítico.

Levi era uma das tribos de Israel e “levitas” era o nome que se dava aos israelitas que pertenciam a essa tribo, escolhida dentre todas para trabalhar no ofício sacerdotal. Arão, irmão de Moisés, foi o primeiro sumo sacerdote da nação. Os descendentes de Arão seguiram a linha sacerdotal, tornando-se sacerdotes. Ao lermos Levítico, vemos que Deus deu mandamentos específicos aos sacerdotes, mas, independente da complexidade desses mandamentos, o importante é sabermos que os

sacerdotes levitas eram intercessores — ou mediadores — entre Deus e o povo de Israel. Era um grupo seletivo dentro da nação de Israel, separado para esse chamado exclusivo.

No entanto, a Bíblia ensina que Deus deu ao sacerdócio um sentido mais amplo que esse, com implicações significativas para entrar na sua divina presença. Lemos em Êxodo que Deus disse aos israelitas: “Agora, se me obedecerem e cumprirem minha aliança, serão meu tesouro especial dentre todos os povos da terra, pois toda a terra me pertence. Serão meu reino de sacerdotes, minha nação santa...” (Êx 19.5-6).

Aqui está o plano original de Deus para a humanidade no exercício do domínio e da autoridade sobre a terra. Ao chamar os filhos de Israel de “reino de sacerdotes” e “nação santa”, ele estava refletindo seus propósitos para a humanidade desde Adão. O plano de Deus é que o homem seja seu representante na terra. O primeiro homem foi criado como sacerdote — alguém que servia como intermediário entre Deus e o restante da terra. Todos os descendentes de Adão deveriam ser sacerdotes. Por que, então, Deus instituiu o sacerdócio levítico?

Sabemos que Deus queria que Adão fosse como a “expansão” de sua vontade e natureza por toda a terra. O primeiro homem deveria atuar como embaixador do reino dos céus, estendendo o governo de Deus, enchendo o mundo todo como uma só “nação” de pessoas guiadas pelo Espírito. Mas Adão falhou, e a terra se encheu de nações que não conheciam o Senhor. Deus, então, formou a nação de Israel, para servir como sacerdote diante de todas as outras nações, apresentando-lhes Deus e testemunhando a respeito de sua lei e justiça.

Novamente, todos os israelitas deveriam ser sacerdotes, mas Israel falhou em seu chamado. Aos pés do monte Sinai, o povo recebeu a informação de que Deus se revelaria a ele, mas os israelitas não se santificaram e apenas Moisés subiu ao alto do monte, onde recebeu as tábuas com os Dez Mandamentos e as instruções para a construção do

tabernáculo. No entanto, quando Moisés desceu do monte Sinai, foi surpreendido por uma cena que o afetou profundamente. O mesmo povo que havia recebido o convite para subir o monte estava adorando um bezerro de ouro.

Com isso, estava claro que o povo havia falhado em se relacionar com Deus e cumprir o propósito de representá-lo a todas as nações da terra. Com isso, Deus escolheu um pequeno grupo dessa nação, a tribo de Levi, para que servisse como sacerdote. Deus instruiu os levitas a mediar por Israel e cumprir seu chamado de ir às outras nações do mundo como representantes de Deus e, finalmente, trazer-lhe todas as nações de volta. Esse era, portanto, o propósito do sacerdócio levítico: restaurar os planos de Deus em Israel.

No entanto, o sacerdócio levítico também falhou e os sacerdotes se corromperam. Deus enviou os profetas para alertarem os sacerdotes, dizendo-lhes que se voltassem para ele, mas Israel matava ou ignorava os profetas. Com isso, ao vir pessoalmente à terra na pessoa de Jesus, Deus levantou um sacerdote fiel.

Ninguém assume essa posição de honra por si só. Ele deve ser chamado por Deus, como aconteceu com Arão. Por isso Cristo não tomou para si a honra de ser Sumo Sacerdote, mas foi Deus que lhe concedeu essa honra, dizendo:

“Você é meu Filho; hoje eu o gerei”.

E, em outra passagem, diz:

“Você é sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque”.

Hebreus 5.4-6

Esse sacerdote não fracassou, mas serviu a Deus perfeitamente. Ele sabia como entrar na presença do Pai e como representar os homens diante de Deus e Deus diante dos homens. Ao fazer isso, ele criou uma nova nação de pessoas que seriam sacerdotes de Deus para o mundo: a Igreja.

É interessante perceber que, se no monte Sinai, Deus disse a Israel: “Agora, se me obedecerem e cumprirem minha aliança, serão meu tesouro

especial dentre todos os povos da terra, pois toda a terra me pertence. Serão meu reino de sacerdotes, minha nação santa” (Êx 19.6), à Igreja disse a mesmíssima coisa:

E vocês também são pedras vivas, com as quais um templo espiritual é edificado. Além disso, são sacerdotes santos. Por meio de Jesus Cristo, oferecem sacrifícios espirituais que agradam a Deus. [...]

Vocês, porém, são povo escolhido, reino de sacerdotes, nação santa, propriedade exclusiva de Deus. Assim, vocês podem mostrar às pessoas como é admirável aquele que os chamou das trevas para sua maravilhosa luz.

1 Pedro 2.5,9

Quando Deus disse a Abraão que criaria uma grande nação de sua linhagem e que, por meio dela, abençoaria todas as nações da terra, qual era seu intento? Salvar a humanidade. Deus manteve a sua palavra e criou uma nova nação a partir de um descendente de Abraão, Jesus de Nazaré, e sua descendência espiritual são aqueles que creem em Jesus. Essa nova nação é constituída tanto de israelitas quanto de gentios (não judeus), aqueles que depositam sua fé em Jesus Cristo.

Quando Deus escolheu os sacerdotes levitas, eles eram um pequeno grupo constituído somente de homens. Entretanto, quando Deus estabeleceu que a nação de Israel seria “reino de sacerdotes” e “nação santa”, aquele sacerdócio abrangia tanto homens quanto mulheres. Quando o povo pecou, uma das consequências foi o isolamento do sacerdócio, restringindo-o somente aos homens.

No entanto, o profeta Joel disse: “Então, depois que eu tiver feito essas coisas, derramarei meu Espírito sobre todo tipo de pessoa. Seus filhos e suas filhas profetizarão; os velhos terão sonhos, e os jovens terão visões. Naqueles dias, derramarei meu Espírito até mesmo sobre servos e servas” (Jl 2.28-29). Isso quer dizer que, quando o próprio Senhor veio à terra, ele queria criar uma nova nação, na qual todos poderiam receber o Espírito Santo e, por meio dele, serem ministros de Deus para o mundo.

A ideia de uma mulher sacerdotisa era muito chocante e absurda nos dias de Joel. Ninguém jamais ouvira falar de uma mulher ter recebido a unção sacerdotal. Mesmo assim, as palavras de Joel anunciavam uma época em que as pessoas não seriam mais classificadas por categorias: se alguém se arrependesse e recebesse Cristo como Senhor e Salvador, Deus o encheria com seu Espírito e faria dele um sacerdote.

O caminho de volta

O tabernáculo carregava muitos significados simbólicos. Essa tenda móvel, construída no deserto, abrigou a presença de Deus e representou os passos que o homem deveria dar para voltar-se a Deus. O tabernáculo era composto por três ambientes: um pátio externo (o átrio), uma sala restrita aos sacerdotes (lugar santo), e uma sala protegida por um véu, onde ficava a arca da aliança, que representava a presença de Deus, e apenas o sumo sacerdote tinha acesso a ela (lugar santíssimo).

O tabernáculo apresenta uma boa alegoria do caminho de volta. O átrio é ilustrado pela base da montanha, onde permaneceu todo o povo, assim como o acesso ao átrio no tabernáculo era irrestrito. O meio da montanha tipifica o lugar santo, onde só sacerdotes entravam. Já ao lugar santíssimo — ou “santo dos santos” — só o sumo sacerdote tinha acesso. Nele, temos a representação do Éden, do lugar de intimidade e de manifestação da presença de Deus. Para compreender esse caminho de volta, precisamos entender o que acontecia em cada ambiente no tabernáculo.

O átrio

O átrio era um enorme pátio externo, onde todos podiam entrar, menos os leprosos, os impuros e os castrados (Êx 27.9-19). Ali estava o altar do sacrifício (Êx 27.1-8) e a bacia de bronze, uma espécie de pia com água para lavagem (Êx 30.17-21).

O altar do sacrifício era o local onde se ofereciam animais em holocausto. Matava-se o animal sobre o altar e em seguida colocava-se fogo, a partir de uma chama que ficava acesa 24 horas por dia (Lv 6.13). Esse altar é um tipo da cruz de Cristo: o início da jornada e o novo nascimento, pois ninguém prossegue para os níveis seguintes sem Jesus.

A bacia de bronze era um lavatório onde os sacerdotes se purificavam para ministrar. Isso era extremamente vital, porque eles não podiam fazer nada sem se lavar primeiro (Êx 40.7). Essa bacia aponta para a santificação.

A expressão “entrar na presença de Deus” é frequentemente usada quando nos referimos à adoração e à oração. Entretanto, em nosso cristianismo casual do início do século 21, não entendemos o que esse conceito realmente significa. Mesmo quando tentamos fazê-lo de todo o coração, ainda não entendemos a abrangência total desse termo. Por quê? Porque não temos uma genuína reverência por Deus. Precisamos estar espiritualmente sensíveis ao fato de que Deus é santo, poderoso e digno de ser reverenciado.

A graça não é um salvo-conduto para o pecado. A graça nos salva do pecado e não em pecado. Se não entendermos a natureza da graça, seremos simplistas em relação à nossa obediência a Deus e trataremos o precioso sangue de Jesus como se fosse uma cobertura temporária de nossos malfeitos para que depois possamos pecar de novo.

Tristemente, muitos não entendemos o amor de Jesus; simplesmente o usamos. Depois, queremos saber por que nada muda, por que Deus não responde as nossas orações, por que o tempo passa e nada acontece, por que nos sentimos frios e indiferentes à presença e à ação do Espírito Santo. A verdade é que a graça suplanta a Lei, no sentido de que somente a graça que recebemos em Cristo nos capacita a cumprir toda a Lei de Deus.

Jesus nos disse que o maior de todos os mandamentos é o amor a Deus (Mt 22.37). O que ele quer dizer com isso é, essencialmente: “Não me obedeça por causa das coisas que vocês querem de mim. Obedeçam-me em

consequência de seu amor por mim”. Jesus disse, ainda, de forma bastante explícita e objetiva: “Se vocês me amam, obedecem a meus mandamentos” (Jo 14.15).

Deus não quer que o usemos como um seguro contra o inferno, ou como uma esposa que só procura o marido quando precisa do cartão de crédito. Ele deseja um relacionamento, não uma religião. No entanto, ele é santo e, para estar em sua presença, você precisa se santificar.

Deus almeja ter comunhão, intimidade conosco, por intermédio da qual expressamos nosso amor por ele, descobrindo sua vontade e cumprindo-a. Mas, ter acesso à mente e ao coração de Deus por meio de uma aproximação genuína não é tão simples como geralmente pensamos. Quando não temos um relacionamento de temor a Deus ou respeito por seus mandamentos, somos incapazes de, verdadeiramente, entrar em sua presença. É impossível estar na presença de Deus sem santidade (Hb 12.14).

Jesus enfatizou essa verdade quando disse: “Felizes os que têm coração puro, pois verão a Deus” (Mt 5.8). Deus não quer ter intimidade conosco apenas na vida após a morte, mas já, agora, em uma amizade filial de amor, em sua presença. Quando Jesus disse que aqueles que tiverem um coração puro verão a Deus, ele estava ensinando sobre como podemos viver em unidade com Deus. É importante ressaltar que ser puro de coração significa ser santo. Portanto, Jesus estava dizendo: “Felizes são os que têm um coração santificado, pois eles verão a Deus”.

É possível que a melhor palavra para definir Deus seja “santidade”. Tanto que ele disse: “Sejam santos, pois eu, o SENHOR, sou santo. Separei-os de todos os outros povos para serem meus” (Lv 20.26). Deus está dizendo: “Separem-se da mesma forma que eu me separo, sejam santos como eu sou santo”. Pecado não pode permanecer na presença de Deus. Santidade sempre tem a ver com separação, com a ideia de se apegar a

Deus e não ser influenciado por aqueles que não estejam determinados em crer em Deus e na sua Palavra.

O lugar santo

O lugar santo era restrito aos sacerdotes. Existiam três objetos nesse recinto: a mesa com os doze pães da proposição, o candelabro de sete braços e o altar do incenso.

Diariamente, doze pães frescos eram postos na mesa (Lv 24.5-9) e os sacerdotes os comiam. Esse elemento fala, alegoricamente, de sujeição da vontade, pois a pessoa não escolhe o que quer, mas o que Deus deseja que ela coma. A mesa fala da comunhão com Deus, de diariamente buscá-lo e se alimentar de sua Palavra (Mt 4.4).

Devemos realmente buscar a Deus se quisermos encontrá-lo. Se você buscar a Deus como ele deseja ser buscado, com tudo aquilo que há em você, Deus promete que se deixará encontrar, como disse ao povo de Judá quando de seu cativeiro na Babilônia (Jr 29.13).

O candelabro, por sua vez, tinha sete braços, com sete lâmpadas, que ficavam acesas 24 horas e não podiam ser apagadas. Sua luz iluminava o lugar santo (Lv 24.2). Se você busca a Deus, alimenta-se do pão e sujeita a sua vontade à dele, o resultado é revelação. Assim como o lugar santo sem a luz do candelabro ficaria no escuro, nós também ficamos no escuro se nos faltar a luz da revelação. Assim, se você buscar a Deus, o encontrará e será iluminado por sua revelação.

O altar do incenso ficava de frente para o véu, onde eram queimados incensos produzidos a mando de Deus, também 24 horas por dia (Êx 30.8). Ele simboliza as nossas orações e a nossa adoração (Ap 8.4).

O lugar santíssimo

A única peça que separava o sumo sacerdote da arca da aliança, isto é, da presença manifesta de Deus, era o véu que dividia o espaço entre o lugar

santo e o lugar santíssimo (Êx 26.33). A arca da aliança era uma espécie de caixa, feita de madeira de acácia, coberta com ouro, e encimada por uma tampa (o propiciatório), que tinha a imagem de dois querubins de ouro puro. Ela representava a aliança de Deus com seu povo e, também, sua própria presença no meio deles.

O sumo sacerdote entrava na presença de Deus, com reverência e temor, com um incensário, produzindo fumaça que representa quebrantamento, contrição, fumaça de arrependimento, adoração, reverência. A presença de Deus poderia consumir fisicamente o sacerdote, pois sua natureza humana não poderia suportar a glória divina. Portanto, simbolicamente, era como se aquela fumaça o “protegesse”.

• • •

Deus deseja se revelar a você e usá-lo como sacerdote, revestindo-o de autoridade e o levantando como alguém capaz de representá-lo na terra. Nosso pecado nos afastou da presença e da intimidade com Deus, mas ele mesmo elaborou o caminho de volta

Siga os passos: tudo começa no átrio. Reconheça seus pecados, creia que o sacrifício de Jesus na cruz é suficiente para o perdão e a libertação dos pecados, seja justificado por ele, santifique sua vida e pare de ter o pecado como estilo de vida.

Você não pode se santificar pelo seu próprio esforço, mas também não pode se santificar sem ele. Faça aquilo que lhe cabe. Resista à tentação e não se entregue a ela. Esse processo o levará ao lugar santo, onde haverá revelação e crescimento espiritual.

A oração, o arrependimento, a reverência, a contrição e a adoração espiritual e verdadeira o levarão ao lugar santíssimo, onde está a divina presença.

Hoje, somos a nação santa, o povo de propriedade exclusiva, o sacerdócio real, os embaixadores de Deus nesse mundo, aqueles que o

representam e falam em seu nome. A qualidade e a eficiência de uma embaixada dependem diretamente da relação entre o embaixador e o país que o enviou. Assim, nosso trabalho na terra depende do quão próximos e íntimos estamos daquele que nos comissionou. E, ao estabelecer essa intimidade, você poderá entrar na presença de Deus com destemor, alegria e a esperança de que coisas extraordinárias vão acontecer.

3

A IMPORTÂNCIA DA ORAÇÃO

A oração é uma das práticas mais presentes em todas as culturas, sociedades e épocas. Talvez haja poucas atividades entre os homens tão universais quanto a oração. Das tribos mais primitivas às sociedades mais evoluídas, vamos sempre encontrar pessoas que oram.

Para os céticos, a oração é uma invenção humana projetada para amenizar os medos, as dores, as frustrações e a ansiedade; para os cristãos, é uma disciplina espiritual fundamental. A prática da oração está presente em todo o relato da Bíblia, sendo comum na vida de todos aqueles que andaram com Deus. O próprio Jesus teve um profundo compromisso com a oração.

Segundo a Bíblia, a oração é um canal viável para solicitar a Deus que mude circunstâncias, transforme histórias e, mais do que tudo, nos aproxime dele. Ela é o veículo idealizado por Deus para estabelecer a comunicação entre a Trindade e a humanidade.

Lucas relata: “Certo dia, Jesus estava orando em determinado lugar. Quando terminou, um de seus discípulos lhe disse: ‘Senhor, ensine-nos a orar, como João ensinou aos discípulos dele’” (Lc 11.1). O texto sugere que apenas Jesus estava orando. Os discípulos, ali, eram espectadores, pois,

apesar de presentes, não estavam envolvidos. A impressão que passa é que Jesus nunca orava com seus discípulos, mas preferia fazê-lo em solitude (Mt 14.23; Mc 1.35; Lc 6.12).

Para buscar a Deus, Jesus se isolava. Seus discípulos viam isso e, certamente, esse fato despertou-lhes a curiosidade. Assim, eles se interessaram o suficiente para pedir que os ensinasse a orar. Por alguma razão, os discípulos concluíram que precisavam de instrução para orar de forma adequada. Como judeus, os discípulos eram criados na sinagoga e no templo, onde lhes ensinavam a orar de forma coletiva e repetitiva.

No entanto, as orações de Jesus eram diferentes daquelas a que seus seguidores estavam acostumados. Eles perceberam que havia algo especial na oração dele. Os discípulos se ocupavam com suas orações religiosas, mas as orações de Jesus causavam impacto sobrenatural.

Para entendermos o que é a oração, segundo o modelo de Jesus, devemos entender, primeiro, o que ela *não* é. Oração não é uma obrigação religiosa, uma mera disciplina espiritual entre tantas outras ou uma ocupação enfadonha. Oração é uma prática que nos conduz à sala do trono e, portanto, ao encontro da intimidade com Deus.

Se queremos compreender exatamente o que é a oração e seu papel em nossa intimidade com o Senhor, precisamos, antes, entender a estrutura de autoridade estabelecida por Deus entre o céu e a terra:

Então Deus disse: “Façamos o ser humano à nossa imagem; ele será semelhante a nós. Dominará sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos, sobre todos os animais selvagens da terra e sobre os animais que rastejam pelo chão”.

Assim, Deus criou os seres humanos à sua própria imagem, à imagem de Deus os criou; homem e mulher os criou.

Gênesis 1.26-27

Esse trecho do relato da criação é decisivo na compreensão do princípio da oração, pois mostra que Deus estabeleceu autoridade humana sobre

todo ser vivente na terra. Ao estabelecer “ele dominará”, Deus definiu as fronteiras do direito legal de autoridade do ser humano.

Podemos, então, definir oração como sendo o homem exercendo sua autoridade legal para pedir a influência dos céus sobre o planeta. A oração não é uma opção, mas uma questão de sobrevivência. Isso significa que você precisa assumir sua responsabilidade e começar a ligar na terra o que quer ver ligado no céu, por intermédio da oração.

Jesus disse: “Eu lhes digo a verdade: o que vocês ligarem na terra terá sido ligado no céu, e o que desligarem na terra terá sido desligado no céu” (Mt 18.18). Quando escolhemos recorrer à oração, criamos a atmosfera para a ação do Todo-poderoso. Você pode fazer diferença e mudar o curso da história se apenas entender o propósito e o poder da oração. E, o que é mais importante: pode, pelo exercício da oração, tornar-se íntimo de Deus.

Lembro-me do dia em que, orando de janelas abertas, fui surpreendido por vizinhos de outro prédio, que me observavam, tentando entender o que estava acontecendo. Afinal, eu estava gesticulando e, aos olhos deles, falando sozinho. Parei por alguns instantes e também achei graça daquela cena, mas pude reafirmar para mim mesmo: eu oro porque sei que Deus escuta (Jo 11.42).

A oração parece ser uma experiência solitária para a maioria. Não questionamos a importância dela, mas, secretamente, nos perguntamos: será que Deus realmente me ouve quando eu oro? Por que parece que muitas de minhas orações não chegam aos ouvidos de Deus? Essa questão é potencializada quando nossas orações não são respondidas como esperamos. Orações não respondidas podem ser um sério fator de obstrução para o relacionamento com Deus.

Uma oração não respondida é um grande impedimento para o desenvolvimento da intimidade com Deus. Nós nos desapontamos e nos frustramos quando ele não nos responde. Algumas pessoas perderam totalmente a fé e endureceram o coração por não obter respostas a suas

orações da forma que esperavam. Esse tipo de expectativa frustrada nos leva a diminuir ou perder a expectativa nos resultados de nossas orações. As experiências pessoais de decepção com a oração nos fazem questionar e oscilar na fé.

Ao bater na porta, esperamos vê-la se abrir. Portanto, quando não há uma resposta, a dor emocional e espiritual pode ser profunda e devastadora, o que gera tristeza, desespero, amargura e rebelião. Se nossas orações não são atendidas, é possível que nos sintamos abandonados e isolados por Deus, imaginando que ele não se preocupa com nossos problemas; começamos a duvidar de seu amor por nós; passamos a vê-lo como alguém indiferente, em vez de um Pai amoroso; questionamos seu caráter e sua integridade; e desconfiamos dele.

Muitos, hoje, estão trilhando uma vida de falta de direção, de pouco ou nenhum poder, raras vitórias sobre o pecado, inexpressivo progresso espiritual e quase nenhum fruto ministerial. Provavelmente, há uma forte conexão entre esse quadro e a falta de oração. Oração, em seu sentido mais profundo e espiritual, é a conversação que nasce no espírito, capaz de tocar o seu coração. Quando entendemos os fundamentos e os princípios da oração, esse canal de comunicação se torna livre de qualquer obstrução. Passamos a orar com poder, graça e confiança.

Deveríamos levar a sério nossa vida de oração, pois, por meio dela, podemos evoluir em nosso relacionamento com Deus. Nossa expectativa ao orar deveria ser a maior possível, pois a oração, quando feita de acordo com a vontade de Deus, tem poder de transformar vidas, mudar circunstâncias e alterar o curso da história.

Oração no ministério de Jesus

Você já parou para pensar por que os discípulos pediram a Jesus que lhes ensinasse a orar em vez de a fazer “grandes coisas”, como curar ou ressuscitar os mortos? Creio que pelo fato de o terem visto orar mais que

qualquer outra coisa. Os discípulos viviam com Jesus. Eles iam a todos os lugares com ele e o observaram por três anos. “No dia seguinte, antes do amanhecer, Jesus se levantou e foi a um lugar isolado para orar” (Mc 1.35).

Jesus se levantava enquanto ainda estava escuro e se retirava para um lugar solitário, onde orava por horas. Os discípulos acordavam e se perguntavam onde ele estaria. Quando finalmente o encontravam, percebiam que estava orando, passando horas com Deus. Então, quando ele saía para as cidades e aldeias, passava alguns segundos curando um cego ou expulsando um demônio. Isso merece nossa atenção: muitas horas orando e produzindo muito em poucos segundos.

Nós, infelizmente, fazemos o contrário: passamos alguns minutos com Deus e gastamos todo nosso tempo e energia fazendo coisas. Martinho Lutero, o homem que deu início à Reforma Protestante, disse algo de muito impacto: “Quando tenho muita coisa para fazer no dia, passo mais tempo em oração, pois mais coisas são feitas por intermédio da oração do que pelo próprio trabalho”.

Uma hora com Deus pode significar muitas horas de trabalho realizado, pois você não mais estará ocupando-se de lutas e erros. Deus lhe dirá o que é realmente importante entre tudo o que parece urgente. Ele lhe dirá o que deve e o que não deve fazer e, também, lhe dará sabedoria de forma sobrenatural para vencer cada situação. A oração o capacitará a pensar com clareza e sabedoria e você terá discernimento que, de outra forma, jamais teria.

O Evangelho de João registra uma realidade da vida de Jesus: “Assim, os líderes judeus se empenharam ainda mais em encontrar um modo de matá-lo, pois ele não apenas violava o sábado, mas afirmava que Deus era seu Pai e, portanto, se igualava a Deus” (Jo 5.18). Em outras palavras, Jesus estava dizendo que Deus era sua fonte pessoal e íntima — e explicou como sua intimidade com o Pai funcionava:

Jesus respondeu: “Eu lhes digo a verdade: o Filho não pode fazer coisa alguma por sua própria conta. Ele faz apenas o que vê o Pai fazer. Aquilo que o Pai faz, o Filho também faz. Pois o Pai ama o Filho e lhe mostra tudo que faz. Na verdade, o Pai lhe mostrará obras ainda maiores que estas, para que vocês fiquem admirados.

João 5.19-20

Jesus estava dizendo: “Primeiro eu vou ao Pai, vejo o que ele tem para mim e, em seguida, eu mesmo faço”. Ele deseja que nós também sigamos esse padrão.

Nós falhamos sempre que adiamos a oração porque temos muita coisa para fazer e, equivocadamente, a classificamos como uma atividade menos importante que as demais. Também falhamos quando cremos que a quantidade de tempo em oração não é importante. Jesus passava horas orando porque tinha um relacionamento genuíno com o Pai, e qualquer relacionamento demanda tempo para ser construído e mantido.

Quando você tiver uma decisão importante a tomar, priorize a busca de Deus em oração. Não dê nenhum passo até estar certo de que Deus o está dirigindo. Não se precipite. Lembre-se de que Moisés e o povo de Israel só se deslocavam no deserto se a nuvem de glória se movia primeiro.

Não seja guiado por sentimentos, emoções ou “profetadas”. A voz do seu coração não pode falar mais alto que a voz de Deus. Se você precisa decidir, por exemplo, se vai aceitar um emprego, entrar em determinada faculdade ou se casar, gaste tempo com Deus conversando sobre esses temas.

Quando eu tinha 25 anos, havia saído de um relacionamento amoroso e estava conhecendo outra pessoa. Senti-me confuso e perdido, pois não sabia se voltava para o relacionamento anterior e insistia um pouco mais ou seguia me abrindo para conhecer outra moça. Eu estava procurando uma esposa e minhas intenções eram as melhores, mas tinha muito receio de errar e fazer alguém infeliz. Diante desse impasse, consultei minha avó, que me deu um conselho muito sábio. Perguntei-lhe com qual das duas deveria ficar e ela respondeu: “Talvez com nenhuma das duas! Joelho no

chão!”. De fato, nenhuma das duas se tornou minha esposa, pois, apesar de serem pessoas queridas e especiais, nenhuma delas era a mulher que Deus queria ao meu lado. Se eu não o tivesse escutado, facilmente teria me precipitado e tomado uma decisão que comprometeria o meu destino e o de outra pessoa. Se você aprender a discernir a voz de Deus, ele vai ajudá-lo a evitar erros e prejudicar a si mesmo e a outros.

Jesus orou especificamente para que seguíssemos seu exemplo: “Minha oração é que todos eles sejam um, como nós somos um, como tu estás em mim, Pai, e eu estou em ti. Que eles estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste. Eu dei a eles a glória que tu me deste, para que sejam um, como nós somos um” (Jo 17.21-22). Deus o ama e quer ter com você comunhão equivalente à que ele tinha com Jesus.

Sua vida de oração pode levá-lo a uma intimidade tão grande com o Pai que você manifestará naturalmente as obras ou os pensamentos de Deus, assim como Jesus fazia. Os opositores de Jesus questionavam por que ele chamava Deus de “Pai” e o acusavam de estar blasfemando. Mas a realidade é que a intimidade nos leva a ouvir Deus, seja de forma audível, seja por sonhos, impressões, pensamentos ou discernimentos. A grande questão é: como saber que é Deus falando?

Quando sua esposa, seu marido ou filho telefona para você, você não reconhece sua voz imediatamente, devido à intimidade que tem? Ou é necessário perguntar quem é? Do mesmo modo, o relacionamento de Jesus com o Pai era tão próximo que surpreendia as pessoas. Os discípulos conheciam o segredo de Jesus: em termos humanos, sua vida de oração o tornava íntimo do Pai. É por essa razão que não lhe pediram que fizesse milagres, mas que os ensinasse a orar. Se aprendermos o que eles aprenderam, faremos as coisas que Jesus fez.

Prontidão na oração

Arão, o primeiro sumo sacerdote, foi uma tipificação de Cristo — que se tornou o sumo sacerdote na salvação da humanidade. Podemos aprender muito com as instruções de Deus a Arão. Esse aprendizado nos ajudará a entender nosso papel, no Novo Testamento, com o “reino de sacerdotes” (1Pe 2.9). Podemos aprender a maneira de entrar na presença de Deus a partir do modo como ele disse a Arão que entrasse em sua presença no Dia da Expição.

O texto bíblico diz: “Quando Arão entrar no santuário, seguirá todas estas instruções. Levará um novilho para oferta pelo pecado e um carneiro para holocausto” (Lv 16.3). Os versículos 5 a 11 explicam que Arão deveria pegar dois bodes: um seria sacrificado como oferta pelo pecado dos israelitas e o outro seria o “bode emissário” — o que representaria o transportador do pecado do povo sendo enviado para o deserto com os pecados dos israelitas sobre si.

Deus instruiu Arão que oferecesse sacrifícios de animais e fizesse a expiação pelos pecados de Israel. Arão não poderia entrar no santuário sem a oferta queimada pelo pecado. Da mesma forma, Deus nos diz: “Se você desejar entrar em minha presença, primeiro precisa resolver o problema de seu pecado”. Portanto, a primeira coisa a ser feita para entrar na presença de Deus em oração não é apresentar nossa lista de pedidos. Em vez disso, precisamos nos perguntar: “Estou preparado para estar em santidade na presença de Deus? Já examinei minha vida? Já explorei a possibilidade de ter pensado, dito, ou estar envolvido com coisas contrárias à sua Palavra e sua lei de amor?”.

Os pecados que você pratica nem sempre estão claros aos seus olhos. Às vezes, são muito sutis. Um exemplo é quando a Bíblia diz: “E não deixemos de nos reunir, como fazem alguns...” (Hb 10.25). Imagine que você diga: “Hoje não estou a fim de ir à igreja” e fique em casa sem nenhum a razão plausível. Ao chegar diante de Deus em oração, ele, essencialmente, lhe dirá: “Tenho um problema com isso. Por um lado você

está tentando cooperar comigo, mas, por outro, me desobedece. Se responder à sua oração, estarei condescendendo com sua desobediência”.

Vamos considerar outro exemplo. Acho difícil para Deus responder às nossas orações por bênçãos financeiras se não formos dizimistas, pois bênçãos materiais são resultado de uma aliança bilateral: você consagra seu dízimo e, por cumprir a parte que lhe cabe na aliança, Deus abre as janelas dos céus. Quando falhamos em nossos dízimos, por um lado, estamos roubando a Deus naquilo que lhe é devido (Cf. Ml 3.8-10) e, por outro, lhe pedimos: “Senhor, pague minha hipoteca”. Quando não recebemos o dinheiro, dizemos — injustamente —, assim como os israelitas: “Onde está o Deus da justiça?” (Ml 2.17). Isso faz com que Deus diga o seguinte: “Você está me colocando num dilema. Como posso abençoá-lo se você me desobedece? Você está tentando estabelecer um acordo comigo e se apresenta diante de mim como se fosse santo, não sendo?”.

Deus quer nos abençoar e responder às nossas orações. Por isso, ele nos diz para tratar nossas transgressões. Precisamos entender e aceitar o sacrifício de Cristo por nossos pecados e nos arrepender de nossos malfeitos. Precisamos abrir os armários secretos do pecado para que nossa oração tenha resposta.

Lembre-se de que somos perdoados de nossos pecados quando vamos a Cristo. Ele nos cobre com seu sangue e nos lava. As Escrituras dizem: “Se afirmamos que não temos pecados, enganamos a nós mesmos e não vivemos na verdade. Mas, se confessamos nossos pecados, ele é fiel e justo para perdoar nossos pecados e nos purificar de toda injustiça” (1Jo 1.8-9). Essa verdade foi escrita para os cristãos que já tinham um relacionamento com Cristo. Precisamos ser lavados, continuamente, para vivermos diante de Deus em santidade.

Deus está essencialmente dizendo: “Se você quiser que eu atenda seus pedidos, precisa livrar-se do pecado, da negligência e da desobediência”.

O fato é que não adianta ficar remoendo e se sentindo culpado pelos pecados praticados. Em vez disso, peça perdão e seja purificado.

Deus é muito gracioso conosco, pois podemos pedir perdão até pelos pecados de que não temos consciência. O rei Davi orou: “Quem é capaz de distinguir os próprios erros? Absolve-me das faltas que me são ocultas” (Sl 19.12). Temos também esta promessa na Palavra de Deus: “Pois seu amor por aqueles que o temem é imenso como a distância entre os céus e a terra. De nós ele afastou nossos pecados, tanto como o Oriente está longe do Ocidente” (Sl 103.11-12).

Como recebemos o perdão? Nós não precisamos levar sacrifícios de animais como os israelitas faziam, mas ainda precisamos da remissão dos pecados pelo sangue. Os princípios do Antigo Testamento ainda estão em efeito no Novo. O Antigo Testamento revela as aplicações mais profundas e significativas. Por exemplo: “De fato, segundo a lei, quase tudo era purificado com sangue, pois sem derramamento de sangue não há perdão” (Hb 9.22). A diferença é que o sacrifício foi realizado uma vez por todas em Cristo (Hb 7.27).

O que cabe a nós é buscarmos a Deus em oração, com amor e obediência, a fim de aprofundarmos nossa intimidade com ele.

4

AMOR, OBEDIÊNCIA E INTIMIDADE

Todos necessitam de um amor perfeito. Se há algo comum a todos seres humanos é a necessidade de aprovação, aceitação e confirmação. A carência por um amor que se interessa, se preocupa e se envolve é causada pela falta da percepção de inserção e inclusão.

Na ânsia por aceitação, permitimos que as pessoas nos controlem com sua aprovação ou desaprovação. Vivemos em função da expectativa que outros criam em relação a nós e nos deixamos intimidar por opiniões alheias. Tememos a crítica, a rejeição e o abandono. Assusta-nos a possibilidade de sermos ridicularizados pelo que dizemos, pensamos ou vestimos. E, assim, nos anulamos; deixamos de ser quem somos para ser aquilo que esperam de nós.

O problema é que o que recebemos de retorno de todo esse sacrifício nunca será suficiente. Investimos muito, mas o amor que recebemos de volta não convence, preenche ou sustenta. Amor infalível, imutável, incondicional e eterno só mesmo o de Deus.

Ao descobrir esse amor, você bebe de uma fonte que sacia, satisfaz, transforma e completa. Não se trata de uma experiência religiosa, mas de uma experiência espiritual de paixão incondicional e irrestrita. Se faltar

paixão, não haverá vida, apenas sobrevivência. O resgate da paixão tem início quando me descubro na condição de amado.

A palavra *paixão* vem da raiz etimológica do verbo em latim *passere*, que significa “sofrer”. Paixão é se abrir a ponto de ser afetado, é expressar o sofrimento do amor apaixonado. Paixão é fruto que brota quando somos profundamente tocados pela força do amor. Deus se permitiu ser afetado por essa relação.

Na noite que antecedeu a crucificação de Cristo, depois de cear e lavar os pés dos discípulos, ele explicou que nem todos os doze estavam limpos e que um haveria de traí-lo. É difícil imaginar um momento de maior tensão do que esse entre os discípulos e o Mestre. Todos estavam apreensivos e curiosos, e precisavam saber qual deles seria o traidor. Foi quando aconteceu um fato interessante.

“O discípulo a quem Jesus amava ocupava o lugar ao lado dele à mesa. Simão Pedro lhe fez um sinal para que perguntasse a quem Jesus se referia. Então o discípulo se inclinou para Jesus e perguntou: ‘Senhor, quem é?’” (Jo 13.23-25). Em um momento de incertezas e questionamentos, aquele que possuía intimidade para se aproximar o suficiente e deitar em seu peito foi indicado por Pedro para tentar descobrir qual deles trairia Jesus. E João não ficou sem resposta: “Jesus respondeu: ‘É aquele a quem eu der o pedaço de pão que molhei na tigela’. E, depois de molhar o pedaço de pão, deu-o a Judas, filho de Simão Iscariotes” (v. 26).

Esse episódio, ocorrido no cenáculo, foi decisivo na vida de João. Seu Evangelho foi escrito por volta de 60 anos depois da ressurreição de Jesus. Para escrevê-lo, João garimpou em sua memória tesouros dos três anos de caminhada com Jesus. E João fez menção daquele momento único, naquela noite que o marcou, dentre tantos outros.

Ao se reclinar sobre o peito de Jesus e ouvir as batidas de seu coração, João teve sua existência redefinida. Como em um mergulho interior, João se descobriu e respondeu a perguntas que a maioria dos homens não

consegue responder: “Quem é você?”; “Qual é a sua identidade?”; “Como você se vê?”? “João, você é apóstolo, discípulo, evangelista?”. E a resposta é clara: “Não, eu sou *aquela a quem Jesus ama!*”.

Naquela noite, João foi impactado pela intimidade que construiu com Jesus ao longo dos três anos e meio andando com ele. Era como ter olhado para o Sol, o que nos torna incapazes de ver outra coisa além de luz. Nesse lugar tão próximo, junto ao peito de Jesus, todo ensinamento ganhou nova perspectiva. Ao ler sobre essa experiência, o leitor do Evangelho de João se questiona: “Será que amo a Deus? De fato conheço e amo Jesus dessa forma?”. A descoberta de João nos ajuda a desenvolver nossa relação pessoal com Deus.

Deus é amor

João recebeu a revelação mais profunda de todas por meio de sua intimidade com Deus:

Amados, continuemos a amar uns aos outros, pois o amor vem de Deus. Quem ama é nascido de Deus e conhece a Deus. Quem não ama não conhece a Deus, porque *Deus é amor*. [...] Sabemos quanto Deus nos ama e confiamos em seu amor. *Deus é amor*, e quem permanece no amor permanece em Deus, e Deus nele.

1João 4.7-8

Sim, a revelação de que Deus é amor chegou a nós em razão da intimidade de João com ele. Mais ainda, ele nos ensinou que a motivação do Pai ao entregar o filho foi o amor: “Porque Deus amou tanto o mundo que deu seu Filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3.16). Até então, o Antigo Testamento havia revelado aos homens outros atributos de Deus, mas não esse amor explícito, incondicional e apaixonado. Quão grandes riquezas João pôde transmitir à humanidade!

Deus é amor e nos ama como ninguém mais pode amar. Não podemos fazer nada para merecer esse amor, não precisamos fazer nada para ativá-

lo. Ele já está lá, à nossa disposição — sem exigir condições, mas livre e puro.

Não importa quanto os golpes da vida tenham ferido sua autoestima. Você pode olhar no espelho e detestar o que vê, mas, ainda assim, Deus o ama. Você pode estar sob condenação e acusação, dizendo a si mesmo: “Eu errei tanto! Não sou digno, não mereço!”. Porém, saiba que nada do que você faça pode aumentar ou diminuir esse amor. Deus ama você!

João entendeu esse amor. Quando se aproximou do coração de Jesus, não havia medo, mas respeito, amizade e liberdade.

Minhas constantes viagens sempre me levaram para longe de meus filhos muitos dias por ano. Tentando compensar minha ausência, toda vez que eu voltava, trazia alguma lembrança para eles. Até que, certo dia, perguntei para Rininha, à época com 4 anos: “Quando viajo, você gosta que eu traga presentes?”. Ao que ele respondeu: “Gosto mais de você, pai!”. Não preciso dizer como me senti. A resposta de meu filho é consequência do fato de que não há nada mais valioso entre um pai e um filho que a comunhão, em amor.

Os discípulos tinham os ensinamentos, mas ainda não conheciam a Deus intimamente. Palavras ativam a mente, mas corações desativados permanecem neutros. Quando o coração é afetado pelo amor; descobre-se que a energia de que a alma precisa não está na atitude positiva e otimista perante a vida, mas no anseio por Deus, na determinação por se viver a verdade de que somos amados.

O amor nos reconcilia

O ministério de Jesus pode ser definido por uma palavra: *reconciliação*. Paulo escreveu: “Pois, em Cristo, Deus estava reconciliando consigo o mundo, não levando mais em conta os pecados das pessoas. E ele nos deu esta mensagem maravilhosa de reconciliação” (2Co 5.19); “Pois foi do agrado do Pai que toda a plenitude habitasse no Filho, e, por meio dele, o

Pai reconciliou consigo todas as coisas. Por meio do sangue do Filho na cruz, o Pai fez as pazes com todas as coisas, tanto nos céus como na terra” (Cl 1.19-20).

A paixão de Cristo o levou a destruir as amarras da hipocrisia em nós, a compreender nossas fraquezas e, principalmente, a romper os grilhões do pecado. Em outras palavras, Deus sabia que muitas vezes seríamos arrogantes, mesquinhos, egoístas, desleais, impacientes, preguiçosos, indisciplinados, fracos diante das tentações, interesseiros, irresponsáveis e mentirosos, mas, ainda assim, mesmo conhecendo todos os nossos podres, morreu por nos amar.

Absolutamente nada é capaz de me afastar desse amor. Ele não desiste de me amar, apesar de minha hipocrisia, incredulidade e pecaminosidade. Ele não desiste de me amar, ainda que me rebele contra sua Palavra, me distancie de seus ensinamentos ou rejeite seu amor. Ele não desiste de me amar mesmo que me sinta envergonhado, culpado e indigno.

O amor é reconciliador. É como se o pulsar do seu coração repetisse a todo tempo: “Eu o amo. Eu o amo. Eu o amo...”. É como se ouvíssemos a voz de Jesus, dizendo: “Confesse seu pecado, pois quero revelar-me como aquele que o ama. O medo, a culpa e a opressão nunca mais o aprisionarão. Seu coração será agitado pela paixão!”. É difícil admitir que erramos, a não ser diante de alguém que nos ama, nos aceita e não vai nos rejeitar.

O episódio vivido por João no cenáculo é um convite: aproxime-se o suficiente para ouvir o coração de Deus. Um dos resultados diretos dessa experiência será sempre conexão e adoração — intimidade! Não importa quão surrados, sujos ou fracos possamos nos sentir, seremos sempre surpreendidos por seu amor. A paixão por Jesus explode dentro de nós. Podemos chegar a questionar: “Como Deus pode estar tão incrivelmente próximo?”. Esse amor vertical nos leva a amar de forma horizontal: meu amor por Cristo me leva a amar o próximo.

Percebemos, então, que não estamos sozinhos e que a vida é cheia de diversidade e complexidade humana. Aprendemos que temos de lidar com santos e pecadores, amigos e inimigos, morais e imorais, auxiliares e perseguidores. Como lidar com esse universo de relacionamentos? As batidas do coração de Jesus nos ensinam que a necessidade de amor neste mundo é imediata e urgente. A cultura desse século forma pessoas individualistas, egoístas, egocêntricas, preocupadas consigo mesmas e com seus interesses — cada vez mais distantes do amor ao próximo. Corações apáticos pulsam passivos diante de esperanças sepultadas, da incapacidade de se apaixonar, de cansaço e frustração diante da falta de amor deste mundo, da sequidão e indiferença de relacionamentos interesseiros e oportunistas.

Ser um discípulo de Jesus não diz respeito a ser perfeito, mas tem a ver com a forma como convivemos com o próximo. Todo dia temos a chance de doar ou sugar vida, realçar ou diminuir pessoas, construir ou destruir com palavras aqueles que cruzam nosso caminho.

Essa paixão nos mantém espiritualmente vivos e conectados a Deus, independente das adversidades e de quão difícil possa tornar-se a jornada. No entanto, é importante sabermos que nosso nível de paixão depende diretamente de quanto nos permitimos ser afetados pela paixão de Cristo. O que levou João do cenáculo — onde foi cheio do Espírito Santo — à ilha de Patmos — onde caiu prostrado diante do Cordeiro de Deus — foi a paixão que aprendeu com Jesus: a mesma paixão que levou Jesus à cruz.

Temor e obediência

O chamado para a intimidade com Deus está explícito em toda a Escritura. Se pudéssemos resumir os 66 livros da Bíblia em uma frase, ela poderia ser: “Deus quer ter intimidade com seus filhos”.

Essa convocação exige de nós uma resposta. Muitas pessoas estão inconformadas com sua superficialidade no conhecimento de Deus e, por

essa razão, estão abandonando o comodismo em busca de revelação e entendimento. Outros, porém, apenas têm se ajustado a uma religião meramente racional. Se minha fé está limitada à mente, sei que tenho de amar, mas não amo; sei que tenho de perdoar, mas não perdoo; sei que tenho de me santificar, mas não me santifico. É apenas um saber que não produz transformação.

A questão é que o conhecimento meramente intelectual de Deus não produz experiência! Muitos não fazem ideia de que seja possível viver um relacionamento íntimo e pessoal com Deus, mesmo sabendo o que Tiago nos informou: “Aproximem-se de Deus, e ele se aproximará de vocês” (Tg 4.8). Deus se deixará encontrar se houver busca diligente, isto é, com seriedade, reverência e temor, pois ele é santo. Não podemos tratar de forma irreverente o que é sagrado.

Há aqueles que buscam a Deus e se tornam íntimos dele. Seu relacionamento com o Criador é vivo, vibrante e inspirador. Tais pessoas sabem não apenas o que Deus fez no passado, mas podem discernir o que ele está fazendo no presente. Infelizmente, muitos daqueles que creem vão terminar a vida tendo desfrutado muito menos do que a intimidade com Deus poderia promover.

Paulo escreveu: “conheço aquele em quem creio” (2Tm 1.12), o que é diferente de dizer: “tenho muitas informações a respeito daquele em quem creio”. Apesar disso, nem todos pretendem avançar em seu relacionamento com Deus, pois estão confortáveis onde se encontram. O perigo é que o resultado dessa estagnação é uma religiosidade mecânica e impessoal. “Porque o Senhor disse: Pois que este povo se aproxima de mim, e com a sua boca, e com os seus lábios me honra, mas o seu coração se afasta para longe de mim e o seu temor para comigo consiste só em mandamentos de homens (Is 29.13).

Multidões creem em Deus. Porém, uma minoria se relaciona intimamente com ele. Entre aqueles que se destacam por sua

espiritualidade vigorosa, todos possuem temor de Deus, o que os leva a uma postura de submissão e obediência, como afirmam as Escrituras: “O Senhor é amigo dos que o temem; ele lhes ensina sua aliança” (Sl 25.14).

A evidência do temor é a obediência. No Antigo Testamento, essa premissa é evidente. Ao se referir aos israelitas, Deus disse, por meio de Moisés: “Como seria bom se o coração deles fosse sempre assim, se estivessem dispostos a me temer e a obedecer a todos os meus mandamentos! Tudo iria bem com eles e seus descendentes para sempre” (Dt 5.29). No Novo Testamento, o conceito é reforçado: “Vocês serão meus amigos se fizerem o que eu ordeno” (Jo 15.14). O Evangelho de João deixa claro que a amizade com Deus só é possível mediante uma obediência irrestrita e sacrificial.

Em sua epístola, Tiago menciona como referência o patriarca Abraão: “E aconteceu exatamente como as Escrituras dizem: ‘Abraão creu em Deus, e assim foi considerado justo’. Ele até foi chamado amigo de Deus! Vejam que somos declarados justos pelo que fazemos, e não apenas pela fé” (Tg 2.23-24). Realmente, muito poucas pessoas ao longo da história da humanidade foram chamadas de “amigo de Deus”. O que fez de Abraão alguém de inquestionável intimidade com Deus? A resposta se encontra no relato da vida do patriarca.

Abraão recebeu uma promessa incomum. Sua esposa Sara era estéril e ambos estavam idosos, mas Deus lhes garantiu que gerariam um filho. Depois de vinte e cinco anos esperando o cumprimento da promessa, Isaque nasceu, contra todas as probabilidades, proporcionando muita alegria ao casal e a certeza de que os planos de Deus se cumpririam. No entanto, algum tempo depois, Abraão foi testado mais uma vez em sua obediência:

Algum tempo depois, Deus pôs Abraão à prova. “Abraão!”, Deus chamou. “Sim”, respondeu Abraão. “Aqui estou!” Deus disse: “Tome seu filho, seu único filho, Isaque, a quem você tanto

ama, e vá à terra de Moriá. Lá, em um dos montes que eu lhe mostrarei, ofereça-o como holocausto”.

Gênesis 22.1-2

Depois de tanta espera para ver a promessa se cumprir, agora Abraão é confrontado em sua obediência e seu temor a Deus. Imagine quantas questões devem ter passado por sua mente! Porém, maior que as dúvidas e mais forte que os questionamentos foi o temor de Abraão. Deus falou e ele obedeceu: “Na manhã seguinte, Abraão se levantou cedo e preparou seu jumento. Levou consigo dois de seus servos e seu filho Isaque. Cortou lenha para o fogo do holocausto e partiu para o lugar que Deus tinha indicado” (v. 3). Perceba que a resposta de Abraão foi imediata, pois ainda de madrugada ele começou a se preparar para cumprir a missão que lhe havia sido dada.

Quantas vezes prorrogamos as renúncias que Deus nos pede? Tomamos decisões, mas, depois, procrastinamos. Comprometemo-nos a abandonar hábitos, vícios e pecados, a fim de nos entregarmos por inteiro, mas, num segundo momento, estagnamos no mesmo lugar. O temor verdadeiro produz obediência, mesmo quando não vemos razão ou não entendemos as requisições de Deus.

A viagem de Abraão levou três dias (v. 4). Nesse período de tempo, muitas coisas poderiam ter mudado; as convicções poderiam ter se enfraquecido e o medo poderia ter vencido a fé. Abraão teve tempo de pensar em alternativas e possibilidades, mas, ainda assim, permaneceu em obediência. Por isso, o patriarca chegou ao local indicado, construiu um altar, levantou a mão para golpear o filho e, subitamente, foi interrompido por um anjo: “Não toque no rapaz”, disse o anjo. “Não lhe faça mal algum. Agora sei que você teme a Deus de fato. Não me negou nem mesmo seu filho, seu único filho!” (v. 12).

Abraão passou no teste. Sua obediência revelou o que apenas palavras não poderiam confirmar. O anjo declarou que só então, depois da prova,

seu temor a Deus seria reconhecido. Com isso, Deus viu Abraão colocar sua divina vontade acima de tudo. O que essa experiência acrescentou ao patriarca? O texto da Escritura mostra que Deus lhe revelou mais do que havia feito até então: “Então Abraão levantou os olhos e viu um carneiro preso pelos chifres num arbusto. Pegou o carneiro e o ofereceu como holocausto em lugar do filho. Abraão chamou aquele lugar de Javé-Jiré. Até hoje, as pessoas usam esse nome como provérbio: ‘No monte do Senhor se providenciará’” (v. 13-14).

Deus se revela a Abraão como o Deus provedor. Até então, ninguém havia recebido tal revelação desse atributo divino. Hoje, todos conhecemos o Deus provedor, mas foi a Abraão que ele se revelou assim. Além disso, essa demonstração de temor e obediência levou Deus a abençoá-lo:

Assim diz o SENHOR: Uma vez que você me obedeceu e não me negou nem mesmo seu filho, seu único filho, juro pelo meu nome que certamente o abençoarei. Multiplicarei grandemente seus descendentes, e eles serão como as estrelas no céu e a areia na beira do mar. Seus descendentes conquistarão as cidades de seus inimigos e, por meio deles, todas as nações da terra serão abençoadas. Tudo isso porque você me obedeceu.

Gênesis 22.16-18

A história de Abraão nos inspira a crescer em intimidade com Deus. Antes dessa prova extrema, Abraão já havia conquistado um lugar especial no coração de Deus. Quando o Senhor resolveu destruir Sodoma e Gomorra, ele avisou Abraão antecipadamente, e disse: “Devo esconder meu plano de Abraão?” (Gn 18.17). Deus compartilha com Abraão suas intenções. Mais do que isso, ele considerou os argumentos de Abraão e valorizou sua contribuição, atendendo sua intercessão em favor de Ló. É dessa forma que Deus espera se relacionar conosco.

Jesus disse: “Já não os chamo de escravos, pois o senhor não faz confidências a seus escravos. Agora vocês são meus amigos, pois eu lhes disse tudo que o Pai me disse” (Jo 15.15). Os discípulos escutaram essas

palavras do Mestre. Até então, eles eram servos, mas, a partir daquele momento, passaram a ser considerados amigos. Vamos pensar: por que só daquele instante em diante receberam essa demonstração de intimidade e não desde o início do relacionamento? Porque foram provados em sua lealdade e obediência. Há recompensa para a obediência, fruto de nosso temor.

Precisamos orar para Deus nos dar o temor necessário a fim de nos aprofundarmos no conhecimento dele. O temor do Senhor é, para nós, fonte da sabedoria e faz brotar em nosso coração autêntica disposição para obedecer.

Adapte-se a ele

Quando falamos em relacionamentos, logo pensamos no que existe entre marido e mulher. A complexidade de um relacionamento marital exige disposição para se adaptar. Principalmente no início desse cruzamento de mundos, as diferenças se tornam evidentes, assim como a necessidade de um se moldar ao outro.

Na minha noite de núpcias, descobri que minha esposa só dormia com alguma luz acesa, enquanto eu só conseguia pegar no sono no escuro. Depois de algumas noites, passamos a dormir na penumbra. Um se adaptando ao outro, por amor! No relacionamento com Deus é diferente: você é que terá de se adaptar a ele.

Certa vez, Jesus discursou sobre a necessidade de nos adequarmos a ele e a suas expectativas sobre nós. Em uma oportunidade específica, o questionaram sobre seus discípulos não jejuarem.

Algumas pessoas disseram a Jesus: “Os discípulos de João Batista jejuam e oram com frequência, e os discípulos dos fariseus também. Por que os seus vivem comendo e bebendo?”. Jesus respondeu: “Por acaso os convidados de um casamento jejuam enquanto festejam com o noivo? Um dia, porém, o noivo lhes será tirado, e então jejuarão”.

Os religiosos judeus da época de Jesus queriam que ele se moldasse aos seus padrões e costumes. Os tais exigiam que os discípulos de Cristo cumprissem as disciplinas que lhes eram comuns, assim como o jejum. A resposta de Jesus foi simples. Sabendo que o jejum é uma prática de mortificação da carne para fortificar o espírito com o objetivo de buscar a Deus, ele respondeu como se dissesse: “Por que jejuariam, se estou aqui? Haverá o tempo em que será necessário jejuar, mas, agora, estou em carne, no meio deles”.

Os homens deveriam mudar sua forma de pensar para enxergar o reino que Jesus veio apresentar, pois o reino não se adaptaria a eles. A humanidade é que deveria, pelo processo de arrependimento e transformação, se moldar às exigências do reino. A primeira pregação de Jesus deixou essa necessidade bastante clara: “Arrependam-se, pois o reino dos céus está próximo” (Mt 4.17). Ele foi além:

Jesus também lhes apresentou a seguinte ilustração: “Ninguém rasgaria um pedaço de tecido de uma roupa nova para remendar uma roupa velha. Se o fizesse, estragaria a roupa nova, e o remendo não se ajustaria à roupa velha.

E ninguém colocaria vinho novo em velhos recipientes de couro. Os recipientes velhos se arrebentariam, deixando vazar o vinho e estragando o recipiente. Vinho novo deve ser guardado em recipientes novos. E ninguém que bebe o vinho velho escolhe beber o vinho novo, pois diz: “O vinho velho é melhor”.

Lucas 5.36-39

O que Jesus estava dizendo é que velhas estruturas são incompatíveis com o novo de Deus. Para o novo vir, as estruturas precisam ser mudadas, de acordo com os modelos divinos. As manifestações da presença e da glória de Deus ocorrem segundo esses modelos: primeiro o homem se adequa ao padrão de Deus e, só depois, a glória do Senhor se manifesta. Foi assim no tabernáculo, com Moisés, que seguiu determinações bem específicas de Deus em sua elaboração. Somente quando o tabernáculo estava totalmente pronto, havendo sido respeitados todos os mínimos

detalhes do projeto divino, que a glória veio: “Então a nuvem cobriu a tenda do encontro, e a glória do Senhor encheu o tabernáculo. Moisés não podia mais entrar na tenda do encontro, pois a nuvem estava sobre ela, e a glória do SENHOR a enchia” (Êx 40.34-35).

O mesmo ocorreu quando, cinco séculos depois, Davi quis conduzir a arca da aliança para Jerusalém. O objeto sagrado estava sendo transportado em um carro novo, puxado por bois, em meio a muita festa. Tudo parecia bem, até que os bois tropeçam e um homem chamado Uzá tentou escorá-la, porém, tão logo a tocou, caiu morto. Por que isso aconteceu? Havia um modelo divino: a arca não deveria ser carregada daquela maneira e de modo algum alguém como Uzá poderia tocá-la. A morte foi o preço da desobediência.

Com o templo de Salomão, o processo foi equivalente. Davi recebeu o projeto da parte de Deus, também detalhado, com o memorial descritivo do material e as medidas exatas. Somente quando a construção foi concluída, em obediência às divinas determinações, é que uma nuvem encheu a casa do Senhor. O texto bíblico diz que os sacerdotes não podiam permanecer em pé para ministrar, por causa da nuvem, uma vez que a glória do Senhor enchera o templo (Cf. 1Rs 8.10-11).

Em todos esses momentos, o que vemos é a importância de os seres humanos se moldarem a Deus. Portanto, você precisa se ajustar ao padrão divino em tudo na vida — e não Deus ao seu padrão. Se queremos conhecê-lo e desenvolver intimidade com ele, precisamos nos sujeitar à transformação. A grande questão é que temos uma resistência natural às mudanças, pois elas afetam nosso conforto, estabilidade e rotina. Temos hábitos, tradições, raízes e modelos e nos apegamos a eles. Porém, o maná que nos sustentou ontem não nos sustenta hoje. Se escolher viver apegado ao que Deus fez no passado, posso me tornar resistente ao que ele está fazendo agora!

É interessante como, muitas vezes, recém-convertidos são marcados por profundas experiências com Deus. Sentem-se cheios do Espírito Santo, percebem sua presença suave e poderosa e com frequência se derramam em lágrimas ante a menção do nome de Jesus. Também é comum que, algum tempo depois, percebam que aquela sensibilidade à presença de Deus já não é como antes. Por quê? A impressão é que primeiro Deus se revela, como uma demonstração do que é a vida em comunhão com ele. Mas, depois, ele quer que você o busque. É como se estivesse se afastando a fim de provocar em nós um desejo maior de conhecê-lo.

A busca deve ser constante, pois, quando paramos de buscar, nos acomodamos aos nossos métodos e doutrina, nos apegamos às fórmulas que funcionaram no passado. A sede nos faz flexíveis e torna mais fácil que sejamos moldados ao padrão de santidade e consagração que a intimidade com Deus exige de nós. Mesmo no deserto, Deus está trabalhando e usando cada oportunidade de nos moldar e preparar para aquilo que ainda não vivemos.

Obedecer para conhecer

Mais importante que conhecer a Deus é ser conhecido por ele. Ter informações sobre alguém não é o mesmo que conhecê-lo. Jesus afirmou que nem todos que o chamam de “Senhor” entrarão no reino dos céus (Cf. Mt 7.21-27). Muitos serão rejeitados, apesar de suas pregações, operações de milagres e profecias, pois declaram amor por Cristo mas o negam com suas atitudes iníquas e pecaminosas. Sem obediência não haverá intimidade.

Jesus disse que conhecia suas ovelhas e elas o conheciam, além de que elas reconheciam a sua voz (Jo 10.14, 27). Mas ele também afirmou: “Se alguém diz: ‘Eu o conheço’, mas não obedece a seus mandamentos, é mentiroso e a verdade não está nele” (1Jo 2.4). A intimidade no

relacionamento com Deus é o resultado natural de verdade, sinceridade, transparência e obediência.

Os íntimos de Deus conhecem sua voz. Uma cena comum no Oriente Médio é a de pastores misturarem seus rebanhos ao redor de poços para que os animais bebam água. Seria muito difícil para eles separarem suas ovelhas das de outros donos. No entanto, o que ocorre é que, assim que o pastor começa a se afastar e chama o rebanho, suas ovelhas o seguem por reconhecer sua voz.

O que pode prejudicar a relação entre o pastor e uma ovelha é o comprometimento da audição ou da mente dela. O ouvido da ovelha produz uma cera doce, que atrai abelhas. Uma vez que um inseto penetre seu ouvido, a ovelha sofrerá com o zumbido e poderá chegar a ficar surda. Nesse caso, ela não conseguirá mais identificar a voz do pastor.

Além disso, o focinho da ovelha é úmido. Quando moscas varejeiras pousam nele, depositam uma larva que entra pelo aparelho respiratório e se reproduz. Ao chegar ao cérebro do animal, o inseto começa a danificá-lo. Com isso, a ovelha perde a sua mansidão e, mentalmente transtornada, deixa de obedecer aos comandos do pastor. Seu comportamento se torna arreado e ela começa a dar coices. Uma das atribuições do pastor em seu cuidado com o rebanho é derramar óleo sobre os animais, que mata e faz sair as larvas. O óleo também espanta as abelhas de seu ouvido. Se a ovelha for ungida de sete em sete dias, ficará protegida dos insetos.

Jesus conhece suas ovelhas e cuida delas. Ele as unge e evita que sejam alcançadas por ataques malignos. Seu rebanho o escuta, o segue e lhe obedece. Jesus é o bom pastor e, se for o nosso pastor, o salmo 23 revela que nada nos faltará. Deveríamos nos perguntar: “Será que realmente o meu pastor é o Senhor?”. Isso é fundamental. Se sou o senhor de minha vida, Jesus não será; se vivo para satisfazer minha vontade, não satisfarei a dele; se sou o rei do meu próprio reino, não pertenço ao reino dele.

A desobediência foi o pecado de Adão e Eva e a rebeldia foi o pecado de Satanás. A desobediência fere a Deus e, quando você o ama, identifica-se com sua dor. A amizade com o mundo é inimizade com Deus — e vice-versa. Ninguém terá intimidade com Deus em cima do muro.

Você não precisa acender vela para o diabo, ou negar sua fé em Jesus: basta que deixe de fazer a vontade de Deus para fazer a sua. A humanidade tem um mantra: “Siga o seu coração”. O problema é que essa é uma mensagem de manipulação coletiva, repetida em músicas e filmes. Ao seguir seu coração, você deixa de seguir Jesus.

Nossa cultura foi contaminada pelo pecado. O que a Bíblia considera pecado a cultura deste século considera algo natural. Aqueles que se opõem ao pecado são rotulados de fundamentalistas e retrógrados. Na cultura ocidental do século 21, divórcio é natural. Relacionamentos entre homossexuais também — e, se alguém discorda disso, será tido como homofóbico. Esse condicionamento das massas influencia a cultura e a cultura determina os comportamentos.

Jesus, porém, não se prende a condicionamentos culturais: seus princípios são eternos e ele só reconhecerá como seus amigos íntimos aqueles que lhe obedeceram, a despeito do que cada sociedade advoga. O nível de espiritualidade e intimidade de um cristão com Deus está intrinsecamente ligado à sua disposição de se submeter. O caminho do trono é o caminho da cruz, da abnegação, da renúncia, da obediência, da submissão, do autossacrifício.

Intimidade é algo que acontece quando minha vida está aos pés de Cristo. Ele é nossa maior referência: “Embora sendo Deus, não considerou que ser igual a Deus fosse algo a que devesse se apegar. Em vez disso, esvaziou a si mesmo; assumiu a posição de escravo e nasceu como ser humano. Quando veio em forma humana, humilhou-se e foi obediente até a morte, e morte de cruz” (Fp 2.6-8).

Essa é a diferença crucial entre a mediocridade espiritual e a verdadeira comunhão. Meu relacionamento com Deus só será real e frutífero se for fundamentado no fato de que ele é Deus Criador e eu sou homem criado. Ele é o Senhor e eu, o servo. Ele é o Pai e eu, o filho. Se admito seu senhorio, não há mais luta de vontade. Homens criam seus deuses quando não concebem a ideia de se render, quando querem um deus que não exija obediência.

Porém, o amor de Deus é do tipo que nos faz desejar estar algemado à pessoa amada. Ninguém quer estar algemado a outra pessoa, até o dia em que se apaixona e descobre que não vai conseguir viver longe de quem ama. A realidade é que o tamanho do seu amor determina quanto você se submete, e a sua submissão define quão próximo do coração de Deus você está.

O apóstolo Paulo refere-se a si mesmo, algumas vezes, como “prisioneiro de Cristo” (Cf. Ef 3.1; 4.1; 2Tm 1.8; Fl 1.9). A história de intimidade de Paulo com Deus prova que a melhor oração que podemos fazer é: “Senhor, prende-me! Eu me rendo! Quero ser teu prisioneiro”. Assim que Paulo teve seu encontro com Jesus, a caminho de Damasco, ficou cego, isolou-se em um quarto e passou dias desfazendo-se de sua independência a fim de ser “algemado” por Cristo.

A submissão elevou Paulo a um patamar de revelação e conhecimento a que poucos chegaram, com arrebatamentos espirituais a regiões celestiais. Isso porque a dependência sempre nos leva a viver o extraordinário, enquanto a independência soberba nos desqualifica para a intimidade com Deus.

Pedro, por sua vez, amava a Jesus e era ousado na fé. Chegou ao ponto de pular do barco para encontrá-lo caminhando sobre as águas e de enfrentar soldados romanos para defendê-lo. Ainda assim, era um homem de espírito independente. Sua paixão era forte o suficiente para fazê-lo morrer por Jesus, mas, ainda assim, ninguém lhe diria o que fazer.

Podemos traçar um perfil de Pedro com base nos registros bíblicos. Ele era confiante, autossuficiente, acostumado a agir só e a dar a palavra final. O apóstolo de Cristo planejava e agia, sem depender da ajuda de ninguém. Pessoas com essa natureza costumam dar ouvidos mas, no fim, fazem as coisas da forma que bem entendem.

No entanto, no reino de Deus, atitudes assim são apenas um sinal de que a pessoa não compreendeu a essência do evangelho. Quem age desse modo não se rendeu a Deus; antes, está vivendo um evangelho de conveniência, de quem não morreu para si. Você só pode ser algemado a Cristo se voluntariamente estender suas mãos, em plena submissão.

Depois de ressuscitar, Jesus apareceu algumas vezes aos discípulos. Uma delas foi muito especial para Pedro, às margens do mar da Galileia. Depois de ter negado Jesus por três vezes, agora o Mestre lhe perguntava também por três vezes: “Pedro, tu me amas?”. Em todas o discípulo assentiu e em todas Jesus pediu obediência, com se dissesse: “Se você realmente me ama, Pedro, faça minha vontade e não a sua: cuide das minhas ovelhas”.

No final de seus dias, entretanto, Pedro se tornou referência de prisioneiro de Cristo: ele combatia a apostasia, expunha falsos profetas e pregava com poder. Ao fim de sua jornada, diz a tradição da Igreja que Pedro foi crucificado de cabeça para baixo, por não se achar digno de ser crucificado como seu Senhor. Prova de imenso amor e indizível intimidade com Deus — aquele ao lado de quem permaneceu até o fim de seus dias.

5

INTIMIDADE, AMIZADE E PERMANÊNCIA

Betânia era uma pequena cidade, a três quilômetros do monte das Oliveiras, em Jerusalém. Não tinha expressão política, econômica ou social, mas tornou-se conhecida porque foi escolhida por Jesus como uma espécie de base para seu ministério. É em Betânia que, certa vez, Jesus se hospeda na casa de três irmãos: Marta, Maria e Lázaro.

Jesus e seus discípulos seguiram viagem e chegaram a um povoado onde uma mulher chamada Marta os recebeu em sua casa. Sua irmã, Maria, sentou-se aos pés de Jesus e ouvia o que ele ensinava. Marta, porém, estava ocupada com seus muitos afazeres. Foi a Jesus e disse: “Senhor, não o incomoda que minha irmã fique aí sentada enquanto eu faço todo o trabalho? Diga-lhe que venha me ajudar!”.

Mas o Senhor respondeu: “Marta, Marta, você se preocupa e se inquieta com todos esses detalhes. Apenas uma coisa é necessária. Quanto a Maria, ela fez a escolha certa, e ninguém tomará isso dela”.

Lucas 10.38-42

Nesse episódio, encontramos Marta e Maria em dois níveis distintos de relacionamento com Jesus. O comportamento das duas irmãs aponta visões diferentes sobre o que significa ter intimidade com Deus. Enquanto

Marta se ocupa de muitas atividades, Maria escolhe sentar aos pés de Jesus e desfrutar do privilégio de conhecê-lo em um nível em que poucos o conheceram. Ela valorizou o momento e se propôs a, atentamente, ouvir as palavras de Jesus. Marta, certa de que está fazendo a coisa certa, pergunta se o Mestre não se importa com o fato de Maria a ter deixado servir sozinha.

A Bíblia registra que Jesus falou utilizando três formas de comunicação: pregação, ensino e conversas informais. A pregação define a principal ocupação de Jesus. As primeiras palavras verbalizadas por Jesus, de acordo com Marcos, foram em forma de pregação: “O Reino de Deus está próximo. Arrependam-se e creiam no evangelho!” (Mc 1.15).

Pregação é proclamação. Ela anuncia o que Deus está realizando aqui e agora, neste momento e neste lugar. Também nos convoca a corresponder, pois provoca em nós uma resposta. Pregação é o anúncio que propaga a notícia de que Deus está vivo, presente e agindo. Ela diz: “Talvez você não saiba, mas o Deus vivo está aqui, agora. Ele está agindo e falando neste exato instante”.

Em todos os quatro evangelhos, a pregação de Jesus é veemente, urgente e poderosa. Ela mantém diante de nós o aqui, o agora, o Deus pessoal. A pregação é uma linguagem que nos envolve pessoalmente com a ação de Deus no presente. A impressão de quem a escuta é a de que aquela palavra não foi pregada para mais ninguém além de ele mesmo. A pregação continua a ser a linguagem mais fundamental para transmitir a revelação de Deus em Cristo Jesus. Em todos os púlpitos e praças onde há pregação, por todo o mundo, ali está um Deus vivo, em operação e falando.

Jesus também usou a linguagem para ensinar. Ao contrário do ensino com que estamos habituados em nosso sistema de educação, projetado para transmitir informação, não para nos ensinar a pensar fora da caixa, o ensino de Jesus é vivo. Mais que transmitir informações, ele remodela

nossas mentes, com a imaginação de parábolas, para que possamos interiorizar a verdade viva de quem é Jesus.

Todos os evangelistas incluem em seu Evangelho o ensino de Jesus, instruindo-nos detalhadamente sobre o que significa viver neste reino de Deus, mas é Mateus quem nos fornece o maior testemunho sobre o ensino de Jesus. Ele agrupa os ensinamentos de Cristo em cinco grandes discursos: O Sermão do Monte (Mt 5—7), instruções aos doze discípulos (Mt 10), instruções para a comunidade (Mt 18), advertência contra a hipocrisia (Mt 23) e ensino sobre as últimas coisas (Mt 24—25).

Jesus nos ensina dissecando os detalhes, dando-nos subsídio para as decisões e os discernimentos de que precisamos e explicando-nos os meios e métodos adequados para vivermos esta vida no reino. Ele continua ensinando à medida que seus pastores e mestres expõem as Escrituras e promovem saúde teológica. O ensino apresenta a régua pela qual seremos medidos, nos alinha à Palavra e aos propósitos de Deus e abre os nossos olhos para enxergarmos o que fazer.

A pregação e o ensino são fundamentais no crescimento e desenvolvimento da fé. Mas há um terceiro tipo de linguagem usada por Jesus, a conversa informal. É um tipo de discurso distinto da pregação e do ensino. Não poucas vezes, encontramos nos evangelhos relatos de Jesus em conversas informais, seja almoçando na casa de alguém, seja percorrendo campos, seja na praia. A revelação mais extensa do uso dessa linguagem informal e não estruturada por Jesus está no Evangelho de Lucas. Se Marcos destaca a pregação e Mateus realça as qualidades do ensino de Cristo, Lucas demonstra mais interesse nos aspectos humanos de Jesus, entre eles a linguagem informal de suas conversas.

Em Lucas há uma inserção de dez capítulos que ressaltam esse tipo de linguagem nos diálogos entre Jesus, seus seguidores e outros homens e mulheres que ele encontra ao longo do caminho (Lc 9.51—19.44). Um dos episódios registrados nesse trecho relata uma viagem de Jesus entre a

Galileia e Jerusalém. Nessa jornada, ele anuncia a seus discípulos que será crucificado. Caminhando juntos por todo aquele caminho, o Mestre os prepara para a vida que teriam após sua crucificação e ressurreição.

A leitura do relato aponta para um tipo de intimidade que se desenvolve naturalmente quando homens e mulheres andam juntos e conversam, sem prioridades imediatas ou tarefas atribuídas e prazos. Lucas aproveita a oportunidade de usar o relato dessa viagem sossegada para ampliar a espontaneidade de conversas não estruturadas. Jesus não tem pressa e pode, a qualquer momento, ser interrompido.

Andar com Jesus transforma nossa vida de dentro para fora e nos prepara para: viver num mundo que não o conhece; esperar nele com paciência, em obediência e sem reconhecimento humano; atravessar os dias em que nos sentiremos sozinhos e desamparados; receber notícias que vão nos tirar o chão; experimentar temporadas de incertezas, dúvidas e questionamentos; enfrentar estações de seca nas quais nada parece acontecer em nossa vida espiritual; crescer em obediência inteligente que nos mantenha fiel a ele enquanto administramos dificuldades ou conquistas; e lidar com as mágoas, a rejeição, o abandono, a traição e a decepção. É como se ele estivesse dizendo: “Eu sei que não está fácil. Eu entendo quanto dói. Mas estou aqui, eu sou o seu bálsamo. Nunca o abandonarei, nem me esquecerei de você. Estou aqui!”.

O encontro entre Marta, Maria e Jesus ocorre no final dessa viagem. Marta está estressada, atarefada com as demandas domésticas, enquanto Maria se deleita na conversa com o Mestre, sentada aos pés de Jesus. Marta é reprovada, mas Maria é elogiada. O que movia o coração e a atitude de Marta? Por que ela não viu o que Maria viu?

Com seu comportamento, Marta está sinalizando um desejo sincero de honrar e servir o seu visitante, Jesus, com base nos ensinamentos da religião judaica de então. O Talmude especificava que qualquer pessoa que recebesse em sua casa um discípulo dos sábios, alimentando-o, dando-lhe

de beber e oferecendo-lhe seus bens, realizara uma obra tão boa como se estivesse ofertando um sacrifício diário. Assim, o trabalho de Marta era motivado pela presença de um hóspede especial.

Porém, todo o esforço de Marta para honrar o Mestre representava um fardo pesado demais para ela carregar sozinha. O resultado é que ela se viu esgotada e estressada. Marta estava cega pela religiosidade que mata a espiritualidade. Ela não tinha compreendido quão preciosa era aquela oportunidade de desenvolver intimidade com Jesus.

Evidentemente, Marta amava o Mestre, mas estava tão preocupada em realizar, tão movida pelo preceito religioso que ensina o “fazer para merecer”, tão engessada por sua tradição, que não percebeu que sua irmã havia feito a “escolha certa” bem ali, sob o seu teto. Marta pode representar as pessoas que se envolvem em ativismo religioso e, por essa razão, se sentem exauridas, estressadas e espiritualmente anêmicas, pois vivem de pregação e ensino, mas não de conversas íntimas com Jesus.

Marta buscava servir por meio de obras e não de um relacionamento pessoal. Ela cria que o sacrifício pessoal honraria Jesus, porém, todo sacrifício realizado na tentativa de ser aceito por Deus é vão — religião cansa.

É quando Jesus faz um convite para que ela deixe as formalidades da religião e passe à comunhão simples e sincera com ele. Como Deus disse aos israelitas por intermédio do profeta Oseias: “Quero que demonstrem amor, e não que ofereçam sacrifícios. Quero que me conheçam, mais do que desejo holocaustos” (Os 6.6). A Bíblia nos ensina a nos apresentarmos como sacrifício vivo, santo é agradável a Deus. Isso, porém, não significa nos sacrificarmos para ser aceitos, mas nos sacrificarmos em decorrência de termos sido aceitos. É uma resposta de amor; não religiosa.

Apenas uma coisa é necessária

Maria conseguiu compreender que o amor de Deus estava ali, diante dela, em carne. O próprio Deus havia entrado pelas portas de sua casa e estava sentado junto a ela, em uma conversa entre amigos. Era ele, o Criador do universo, a expressão visível do Deus invisível, e Maria não deixaria de desfrutar daquele momento por nada. Por essa razão, ela não pôde sair dos pés de Cristo, pois suas palavras eram espírito e vida.

Marta conhecia a pregação e o ensino de Jesus, mas não havia criado intimidade suficiente com ele. Afinal, uma coisa é saber o que ele disse, outra bem diferente é conhecê-lo como amigo. Ao dizer “Apenas uma coisa é necessária”, Jesus está apontando para o conhecimento pessoal de si mesmo — e isso, não por mérito, mas por fé. O nome dessa realidade é *graça*.

Betânia era uma localidade especial para Jesus. Mesmo sendo um vilarejo sem expressão cultural, religiosa ou social, foi escolhida por ele para ser o local onde realizaria grandes feitos. Creio que ele escolheu a cidade para demonstrar seu poder porque, se Jerusalém abrigava corruptos, perseguidores, exploradores e religiosos, Betânia tinha entre seus habitantes pessoas amadas e amigas de Jesus.

O episódio da morte e ressurreição de Lázaro é revelador acerca da diferença de relacionamento entre Marta e Maria e Jesus. João relata em seu Evangelho que, quando Lázaro ficou enfermo, Jesus demorou ainda dois dias para chegar. Quando ele chegou, seu amigo já havia morrido. É quando ocorre um diálogo entre Marta e Jesus, em que fica claro que ela conhecia os ensinamentos escatológicos sobre a ressurreição da carne.

Quando Marta soube que Jesus estava chegando, foi ao seu encontro. Maria, porém, ficou em casa. Marta disse a Jesus: “Se o Senhor estivesse aqui, meu irmão não teria morrido. Mas sei que, mesmo agora, Deus lhe dará tudo que pedir”.

Jesus lhe disse: “Seu irmão vai ressuscitar”.

“Sim”, respondeu Marta. “Ele vai ressuscitar quando todos ressuscitarem, no último dia.”

Então Jesus disse: “Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim viverá, mesmo depois de morrer. Quem vive e crê em mim jamais morrerá. Você crê nisso, Marta?”.

Em seguida, Jesus encontra Maria, aquela que havia escolhido a melhor parte.

Assim que chegou ao lugar onde Jesus estava e o viu, [Maria] caiu a seus pés e disse: “Se o Senhor estivesse aqui, meu irmão não teria morrido”. Quando Jesus viu Maria chorar, e o povo também, sentiu profunda indignação e grande angústia. “Onde vocês o colocaram?”, perguntou. Eles responderam: “Senhor, venha e veja”. Jesus chorou.

João 11.32-35

Marta se relacionava com Jesus no que se referia a ensino e pregação, mas Maria, que conversava intimamente com ele, se conectou ao coração dele. O resultado é que ele teve suas emoções afetadas a tal ponto que decidiu agir e ressuscitar Lázaro. Isso mostra que a intimidade de Maria a levou a um patamar mais elevado de entendimento e adoração.

Tempos depois de ter ressuscitado seu amigo, Jesus volta a Betânia e se vê em uma situação que demonstra claramente a diferença do relacionamento que tinha com cada uma das irmãs:

Seis dias antes de começar a Páscoa, Jesus chegou a Betânia, onde morava Lázaro, o homem que ele havia ressuscitado dos mortos. Prepararam um jantar em homenagem a Jesus; Marta servia, e Lázaro estava à mesa com ele. Então Maria pegou um frasco de perfume caro feito de essência de óleo aromático, ungiu com ele os pés de Jesus e os enxugou com os cabelos. A casa se encheu com a fragrância do perfume.

João 12.1-3

Nesse episódio, vemos, novamente, Marta servindo os convivas. Já Maria dá outra demonstração de conexão, quando realiza um ato de pura adoração.

Deus disciplina e poda quem ama

As diferenças de relacionamento entre Jesus e as duas irmãs de Lázaro demonstram que podemos estabelecer níveis diferentes de amizade com Deus. A gravidade dessa constatação está no fato de que, dependendo de como nos relacionamos com ele, o Senhor se fará mais ou menos presente em nossa vida. O rei Davi escreveu: “Até quando, SENHOR, te esquecerás de mim? Será para sempre? Até quando esconderás de mim o teu rosto?” (Sl 13.1), numa declaração explícita de que, na época em que escreveu esse salmo, sentia falta da presença de Deus.

A vida é marcada por momentos em que não entendemos o rumo das coisas. Buscamos respostas, mas não as encontramos. Deus parece se fechar a nós. Ele tem razões ocultas ao nosso conhecimento, intenções que não nos são expostas. Eis a beleza da fé: você confia, mesmo sem saber para onde vai, com pouca ou nenhuma ideia de como tudo acabará e de como, de alguma maneira, Deus transformará o caos em testemunho.

Se eu creio, só há uma opção: permanecer, na certeza de quem ele é e de quem eu sou para ele. Essa convicção me dá força para não voltar atrás. Posso não estar vendo mudanças, mas descanso ao saber que Deus me ama e que, no momento certo, vai continuar me surpreendendo. O Evangelho de João relata palavras de Jesus na última ceia, pouco antes de sua prisão e morte na cruz:

Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o lavrador. Todo ramo que, estando em mim, não dá fruto, ele corta. Todo ramo que dá fruto, ele poda, para que produza ainda mais. Vocês já foram limpos pela mensagem que eu lhes dei. Permaneçam em mim, e eu permanecerei em vocês. Pois, assim como um ramo não pode produzir fruto se não estiver na videira, vocês também não poderão produzir frutos a menos que permaneçam em mim.

Sim, eu sou a videira; vocês são os ramos. Quem permanece em mim, e eu nele, produz muito fruto. Pois, sem mim, vocês não podem fazer coisa alguma. Quem não permanece em mim é jogado fora, como um ramo imprestável, e seca. Esses ramos são ajuntados num monte para serem queimados. Mas, se vocês permanecerem em mim e minhas palavras permanecerem em vocês, pedirão o que quiserem, e isso lhes será concedido! Quando vocês produzem muitos frutos, trazem grande glória a meu Pai e demonstram que são meus discípulos de verdade.

Eu os amei como o Pai me amou. Permaneçam no meu amor. Quando vocês obedecem a meus mandamentos, permanecem no meu amor, assim como eu obedeço aos mandamentos de meu Pai

e permaneço no amor dele. [...] Já não os chamo de escravos, pois o senhor não faz confidências a seus escravos. Agora vocês são meus amigos, pois eu lhes disse tudo que o Pai me disse. Vocês não me escolheram; eu os escolhi. Eu os chamei para irem e produzirem frutos duradouros, para que o Pai lhes dê tudo que pedirem em meu nome.

João 15.1-10,15-16

Essa parábola é reveladora acerca dos níveis de intimidade que podemos ter com Jesus, demonstrados por meio dos frutos que geramos. Aqui, Jesus se apresenta como a videira, isto é, a árvore que produz uvas. Deus Pai é o agricultor, aquele que cuida da videira e zela para que a planta produza o máximo de uvas possível. Já nós somos os ramos, a parte da videira que mais recebe atenção do agricultor, pois é onde brotam os frutos. O fruto, por sua vez, é tudo que fazemos para a glória de Deus, todo pensamento, palavra e atitude que o glorifica.

A parábola revela quatro níveis de produção de frutos. O nível 1 é aquele do ramo que não produz nenhum fruto, isto é, os anos passam e a pessoa permanece sendo a mesma, sem nenhuma mudança. O nível 2 é o do ramo que dá poucos frutos, isto é, pouco compromisso com o reino, pouco envolvimento nas coisas de Deus. O nível 3, por sua vez, é o de mais fruto, que se refere a pessoas que têm uma percepção mais apurada da chamada e da missão, com um envolvimento verdadeiro, dedicação, disciplina, caráter e maturidade. Por fim, o nível 4 é o de muito fruto, que aponta para pessoas que alcançam seu potencial máximo. Dependendo de como o ramo se comporta, ele permanece ligado à videira ou não.

A tendência dos ramos de uma videira é crescer para baixo, perto do chão, onde não pode dar fruto. Ali, as folhas ficam cobertas com poeira, quando chove ficam cheias de lama e, por fim, mofam. Com isso, os galhos tornam-se inúteis. O que o agricultor faz com os ramos quando se dá conta disso, corta e joga fora? Não! O vinicultor os trata, levanta, lava e reposiciona. Nós somos os ramos e o pecado é como a sujeira que cobre as folhas da videira. Sob a lama e a sujeira, o ar e a luz não penetram e a vide

não recebe o que mais precisa para dar fruto. Quando isso ocorre, o agricultor precisa agir rápido a fim de não perder o ramo e os frutos.

Do mesmo modo, se uma pessoa não produz frutos, Deus intervém, muitas vezes por meio de disciplina (Dt 8.5). A disciplina do Pai celestial é resultado da prática do pecado. Devemos estar abertos a ela (Hb 12.5-6). Creio que Deus não se alegra em disciplinar, mas faz isso para o nosso próprio bem. “Meu filho, não despreze a disciplina do Senhor; não desanime quando ele o corrigir. Pois o Senhor disciplina quem ele ama e castiga todo aquele que aceita como filho” (Hb 12.6). Nessas ocasiões, Satanás tenta nos convencer de que, se o Pai nos está disciplinando, é porque não somos amigos dele. Isso é um engano maligno e devemos rejeitá-lo.

Por outro lado, se você é um ramo que está produzindo frutos, saiba que Deus vai podá-lo: “Todo ramo que dá fruto, ele poda, para que produza ainda mais”. O problema é quando não entendemos os métodos de Deus para nos podar. Há um momento no desenvolvimento da videira em que o horticultor precisa tomar uma decisão: para que dê frutos suculentos, será necessário cortar muitas folhas. Cheia de folhas, a parreira fica tão densa que a luz não alcança a área em que o fruto vai se formar. Por essa razão, é necessário submetê-la a um processo de poda.

De modo análogo, Deus corta partes de nossa vida que consomem tempo e energia daquilo que realmente é importante. Ele elimina de nós valores e comportamentos que nos impedem de crescer em intimidade com ele. A capacidade da videira de crescer aumenta a cada ano e as podas ficam mais frequentes. Sem essa intensidade, as vinhas enfraquecem e a colheita diminui. Portanto, se a poda é constante, o resultado é o máximo possível.

A pessoa que compreende o processo de poda em sua vida vê cada prova como oportunidade de aperfeiçoamento e sabe que Deus está abrindo

espaço para acrescentar mais força, produtividade e poder à sua vida. Afinal, a poda provoca dor, mas o fruto virá em seguida (Cf. Sl 66.10).

Felizmente, nenhuma poda dura para sempre. Ela ocorre de forma sazonal e reordena as prioridades do coração, mas a quantidade e a qualidade da colheita dependerão da submissão de quem sofre a poda ao processo que Deus lhe impõe.

É inevitável que uma pessoa íntima de Deus sofra podas. A questão é: como você vai responder? Isso é fundamental, pois suas respostas às podas farão toda a diferença. Ou você se rebela ou se alegra em Deus. Como se alegrar? Mantendo o foco nos frutos que virão desse processo e não na dor da eliminação das folhas!

Lembre-se: se a disciplina tem a ver com o pecado, a poda tem a ver com o seu aperfeiçoamento pessoal. A poda faz você voltar ao lugar de humildade, dependência e submissão. Se não compreender a diferença entre disciplina e poda, seu relacionamento com Deus poderá ser abalado e, em vez de crescer em intimidade, poderá descambar para a rebeldia e a murmuração.

Permanecer em Deus

Jesus afirmou: “Quem permanece em mim, e eu nele, produz muito fruto” (v. 5). Ele estava se dirigindo às pessoas que passariam a representar ser reino e, por essa razão, precisariam dar muito fruto, entre elas, você e eu.

A fé nos enxerta na videira e, como ramos, passamos a receber os nutrientes da seiva para o fruto em desenvolvimento. A única limitação sobre a quantidade de seiva — isto é, de vida — que vai para o fruto está na circunferência do ramo onde ele se encontra com a videira. Assim, o ramo com a conexão maior e menos obstruída com a videira é o que mais permanece e o que terá maior potencial de gerar uma grande colheita.

Os apóstolos de Cristo entenderam que os resultados de suas ações dependiam da sua permanência nele. A eficácia de cada ministério

dependeria de quanto receberiam de Deus. Infelizmente, a falta desse entendimento tem levado muitos que tinham tudo para frutificar a se sentir inúteis e ultrapassados.

No início de nosso relacionamento com Deus, em geral não temos maturidade para gerar frutos e, por essa razão, vivemos em total dependência e submissão. Quando nossas competências aumentam, o relacionamento tende a se enfraquecer, uma vez que, aos seus olhos, você já não depende dele como antes. O resultado é que sua satisfação diminui (pois ela está em Deus e não nos frutos). Muitos, nesse estágio, se afundam no trabalho, esperando recuperar a antiga realização; outros se enredam em casos extraconjugais; e outros abandonam o ministério, afastando-se da videira e de sua chamada.

Todos precisamos pôr o relacionamento com Deus em primeiro lugar. Se fizermos isso, redescobriremos a alegria de permanecer na presença dele. Permanecer significa ficar, ligar-se intimamente com Cristo, numa conexão contínua e vital. No trecho de João 15.1-10,15-16, Jesus menciona dez vezes o verbo “permanecer”, o que deixa clara a importância desse conceito no contexto da relação entre o homem e Deus e a produção de frutos resultantes desse relacionamento.

Jesus sabia que, se não permanecessem nele, num relacionamento de amizade, amor e submissão, em intimidade, aqueles homens nunca promoveriam impactos eternos e uma quantidade de frutos milagrosa e sem precedentes. Por essa razão ele usa o imperativo: “permaneçam”. É uma ordenança e não uma sugestão ou um pedido.

Jesus sabia que, se não permanecermos nele, tal qual um ramo enxertado na videira, murçharemos, morreremos e perderemos a utilidade espiritual. Por outro lado, se permanecermos, receberemos alimento espiritual, poder e unção — e nada nos impedirá de ter uma vida frutífera.

Agora, atenção: você só alcançará o destino que Deus traçou para a sua vida se priorizar a amizade e a intimidade com ele. Pessoas que se afastam

de Deus acabam tendo o coração cauterizado. Permanecer é mais do que ter uma vida devocional regrada e metódica, é mais do que conhecer intelectualmente a Bíblia, antes, envolve busca, anseio, sede e a vontade perene de ter Deus em sua vida.

Muitos desistem de permanecer em Deus por acreditar em ideias equivocadas. Pensam, por exemplo, que Deus fica remoendo todos os seus erros e pecados do passado, que ele é rápido em julgar seus erros presentes, ou que ele é ocupado, impaciente e não deseja passar tempo junto com seus filhos. Nada disso! Deus é confiável, paciente e amoroso e não traz à memória pecados que você já confessou. A realidade é que Cristo quer mais de você. Ele deseja ter tempo de qualidade em seu relacionamento.

Isso pode ocorrer de diversas maneiras. Uma delas é pela leitura da Bíblia com amor, procurando o Deus vivo que pula de suas páginas — não como uma literatura fria, distante e irreal (Cf. Cl 3.16). Deus desenvolve intimidade também por meio de conversas, como vimos neste capítulo; por isso, não faça de suas orações monólogos, mas diálogos.

Lembre-se de que sua permanência em Cristo não pode se basear em sentimentos. A comunhão e o desenvolvimento da intimidade entre vocês não são fruto de sensações, como arrepios, calores ou coisas assim. Devem ser resultado de diálogos e uma busca real e viva. Não se pode medir a profundidade de um relacionamento por sentimentos ocasionais.

Desejo que você desenvolva um relacionamento sólido e pulsante com Cristo, de amizade e permanência. Se você viver, como Maria, aos pés de Jesus, permanecendo firmemente nele em tudo o que fizer, terá uma vida de plenitude espiritual. Se conseguir viver dessa maneira, enxertado firmemente na videira, você verá abundância de frutos de qualidade em sua vida e o desenvolvimento de uma amizade real, com uma consequente intimidade cada vez maior e mais abençoadora.

6

A INTIMIDADE É PROPORCIONAL À FÉ

Os diferentes níveis de profundidade que desenvolvemos em nossa busca por Deus são equivalentes à experiência de uma pessoa que entra lentamente em um rio, assim como aconteceu com o profeta Ezequiel em uma visão:

Depois disso, o homem me levou de volta à entrada do templo. Ali, notei que jorrava água para o leste por debaixo da porta do templo e passava à direita do altar, do lado sul. Ele me levou para fora do muro pela porta norte e me conduziu até a entrada leste. Ali, vi que a água corria pelo lado sul da porta leste.

O homem me conduziu pela água e, enquanto caminhávamos, ele ia medindo. Quando percorremos quinhentos metros, ele me levou para o outro lado do rio. Ali a água chegava a meus tornozelos. Ele mediu mais quinhentos metros e atravessamos o rio novamente. Dessa vez, a água chegava a meus joelhos. Depois de mais quinhentos metros, chegava à minha cintura. Então ele mediu mais quinhentos metros e ali a água era um rio fundo o suficiente para atravessar a nado, mas fundo demais para atravessar a pé.

Ele me perguntou: “Filho do homem, você está vendo?”, e me levou de volta à margem do rio. Ao voltar, fiquei surpreso de ver muitas árvores que cresciam dos dois lados do rio. Então ele me disse: “Este rio corre para o leste, pelo deserto, até o vale do mar Morto. Sua água tornará pura a água salgada do mar Morto. Por onde a água deste rio passar, haverá muitos seres vivos. O mar Morto ficará cheio de peixes, porque sua água se tornará pura. Surgirá vida por onde esta água fluir. Pescadores ficarão às margens do mar Morto. Desde En-Gedi até En-Eglaim, as praias ficarão

cobertas de redes secando ao sol. O mar Morto se encherá de peixes de toda espécie, como os peixes do mar Mediterrâneo. Mas os brejos e os pântanos não serão purificados; continuarão salgados. Em ambas as margens do rio crescerão árvores frutíferas de toda espécie. As folhas dessas árvores nunca secarão nem cairão, e sempre haverá frutos em seus ramos. Produzirão uma nova colheita a cada mês, pois são regadas pela água do rio que nasce no templo. Seus frutos servirão de alimento, e suas folhas, de remédio”.

Ezequiel 47.1-12

Tal qual no relato de Ezequiel, primeiro, a água chegará à altura do tornozelo, isto é, estará rasa e sem profundidade. Podemos equivaler esse momento à infância espiritual do cristão. Esse é o nível da salvação, quando o indivíduo recebe Jesus como seu Senhor e Salvador e intelectualmente tem bem claro que Cristo é o caminho.

Nessa fase, o cristão não tem dúvidas, pois recebeu uma revelação pessoal de Jesus, entendeu que seus pecados o afastam de Deus, arrependeu-se, foi perdoado e justificado e recebeu alegria, amor e paz do Senhor. Essa pessoa foi regenerada e já não consegue pecar como antes, manifestando uma força de vontade sobrenatural para a santificação.

Porém, a busca da intimidade com Deus não pode parar por aí. Ele quer que o salvo entre mais no rio. É preciso, portanto, continuar; do contrário, corre o risco de ficar espiritualmente estagnado, racionalizando a fé, sem forças para fazer o que sabe que deve e com o coração duro e cauterizado. Se o indivíduo não reagir, volta ao pecado e sua condição torna-se pior que antes da conversão.

Nessa busca pela intimidade com Deus, o cristão prossegue entrando no rio, até que a água atinja a altura dos joelhos. Essa etapa é o nível da oração, que fala sobre a pessoa que não se conformou com a experiência inicial da fé. Ela quer mais. Por essa razão, vive de joelhos, em oração. É quando começa a ter mais e mais experiências pessoais e sobrenaturais com Deus.

Nesse nível de intimidade, o indivíduo começa a conhecer o caráter de Deus, sua santidade e seu poder de modo antes não percebido. A

obediência, agora, se dá num nível mais profundo. As orações são respondidas e o salvo começa a ver curas e sinais, o que o faz querer estar no centro da vontade de Deus a todo momento.

Mas ainda há mais. Ao prosseguir entrando no rio, a água atinge os lombos. Isso equivale ao nível do serviço. Quem ora, logo descobre que foi chamado para servir a Deus e que há um propósito para sua vida. Ele começa a trabalhar para as necessidades do reino de Deus, e sente prazer em dedicar-lhe talentos, tempo, força e recursos. Muita gente que se satisfaz com a vida de intimidade com Deus que existe nesse patamar acomoda-se e não procura ir além. No entanto, Deus sempre tem mais para seus filhos.

O próximo nível se alcança quando a pessoa que entrou no rio, assim como Ezequiel, prossegue se aprofundando e chega ao ponto em que a força das próprias pernas já não a sustenta. Sem altura para ficar de pé, só lhe resta nadar e entregar-se à força da correnteza. Em nossa ilustração, isso equivale a um mergulho na plenitude do Espírito, da graça, da revelação e da presença de Deus. Nesse nível, não importam mais os sonhos pessoais, o que passa a ter importância são os propósitos de Deus. Suas prioridades passam a ser as nossas prioridades. Nesse mergulho, quanto mais fundo se vai, mais o “eu” desaparece e passa a valer o “Cristo vive em mim”.

Esse é o nível ideal. Pois é só então que o cristão passa a viver por fé.

Fé determinante

Uma das formas mais simples e comuns de mostrar amor por uma pessoa é presenteando-a com algo que ela considere significativo. Quando você presentear alguém está dizendo: “Você é importante para mim”, ao que o presenteado pensa: “Meus interesses foram lembrados, houve intenção de supri-los”. Diante dessa realidade, vem a pergunta: com que poderíamos presentear a Deus? Afinal, ele tem tudo. Difícil pensar em dar uma

gravata, uma meia ou um pijama para o Criador de tudo. Afinal, que presente poderia alegrar e satisfazer a Deus?

Creio que a resposta está em compreender que nada agrada mais a Deus em seu relacionamento com seus filhos que a intimidade. Assim, qualquer movimento que nos aproxime de Deus por aquilo que ele é enche seu coração de alegria. Podemos dar-lhe, então, nosso tempo, atenção, devoção e amor. Deus anseia por sua amizade. Ele quer ter intimidade com você.

Certo dia, quando meu filho Rininha estava com cerca de 2 anos, eu me aproximei dele com sua mamadeira, a fim de fazê-lo parar de chorar. Nunca vou me esquecer do que senti quando ele deu um tapa na mamadeira, lançando-a longe, e pulou em meus braços com um sorriso cheio de amor. Percebi que ele não queria o alimento: queria a mim. Com Deus é a mesma coisa.

Buscar Deus por desejar ter sua amizade é diferente de o buscarmos por interesse. Deus se alegra em nos abençoar e responder às nossas orações, mas ser Pai é muito mais que isso. Com frequência focamos em nossos interesses, o que faz nossas orações serem mesquinhas, autocentradas, focadas na solução de problemas. Demonstramos maturidade e intimidade quando deixamos de nos preocupar com o que Deus pode fazer por nós e passamos a nos perguntar o que podemos fazer pelos interesses do reino de Deus.

Um dos presentes que Deus mais deseja é a nossa fé: “Sem fé é impossível agradar a Deus. Quem deseja se aproximar de Deus deve crer que ele existe e que recompensa aqueles que o buscam” (Hb 11.6). Deus deseja que você creia nele. Proporcionalmente, uma das atitudes que mais o entristecem é não acreditarmos que ele fará o que disse que faria. Isso demonstra falta de fé e, logo, falta de confiança — fruto da falta de intimidade.

Deus apoia a sua palavra com a honra de seu nome. Ele jura por si mesmo, porque não há ninguém maior e, quando duvidamos, o insultamos. Por essa razão, Jesus disse coisas como: “E, se Deus veste com tamanha beleza as flores silvestres que hoje estão aqui e amanhã são lançadas ao fogo, não será muito mais generoso com vocês, gente de pequena fé?” (Mt 6.30); “Os discípulos foram acordá-lo, clamando: ‘Senhor, salve-nos! Vamos morrer!’. ‘Por que vocês estão com medo?’, perguntou ele. ‘Como é pequena a sua fé!’” (Mt 8.25-26); e “Ao tomar conhecimento do que falavam, Jesus disse: ‘Como é pequena a sua fé! Por que vocês discutem entre si sobre a falta de pão?’” (Mt 16.8).

Nossa fé é determinante no recebimento de bênçãos da parte de Deus. Quando a mulher siro-fenícia procurou Jesus rogando que ele libertasse sua filha de possessão demoníaca, demonstrou grande fé. Por isso, Jesus lhe respondeu: “Vá para casa, pois o demônio já deixou sua filha” (Mc 7.29). Perceba que, neste caso, não foi a necessidade daquela mulher que alcançou o coração de Jesus, mas sua fé. Você precisa de fé!

Diante dessa constatação, naturalmente surge a questão: como podemos aumentar a nossa fé? A realidade é que não há fórmula secreta: “Portanto, a fé vem por ouvir, isto é, por ouvir as boas-novas a respeito de Cristo” (Rm 10.17). É a absorção do conhecimento acerca do evangelho do reino que aumenta nossa fé; a exposição à palavra inspirada, revelada, viva. Por essa razão, devemos constantemente absorver aquilo que Deus nos revelou acerca das boas-novas de Jesus, seja por meio de pregações, seja pela leitura da Bíblia, seja pela leitura de bons livros cristãos, seja por qualquer outro meio que nos dê acesso ao genuíno evangelho de Jesus Cristo.

Diametralmente, a distância daquilo que nos chegou por meio da Palavra enfraquece a fé. Já vi muitas pessoas entusiasmadas que, pelo simples afastamento da Palavra, se enfraqueceram a ponto de quase parar em uma UTI espiritual. É por essa razão que estamos constantemente

debaixo de ataques que têm como objetivo nos afastar da exposição do evangelho.

Nossa intimidade com Deus é proporcional à fé que temos nele, e essa fé, por sua vez, é proporcional à obediência. Portanto, se desobedeço à vontade de Deus, minha fé diminui e perco a intimidade com ele. Nossa comunhão com Deus é interrompida pelo pecado. Se pecarmos deliberadamente, teremos muita dificuldade para nos aproximar do Deus vivo.

A boa notícia é que, se eu peço e sou rápido em me arrepender, recorro ao advogado Jesus Cristo. Ele intercederá por mim e, perdoado, estarei livre de toda condenação, uma vez que o sangue de Jesus me purifica. Assim que isso ocorre, a comunhão é restabelecida.

O tamanho de nosso vazio determina quanto podemos ser cheios

Muitas pessoas buscam a Deus por interesse. Vão à igreja para tentar receber dele melhorias de vida, a salvação de um casamento, um emprego, uma libertação, uma bênção. O ponto é que tudo isso é consequência de um relacionamento íntimo com Deus, não deve ser a causa para buscá-lo.

A igreja está centralizada em Deus. Ela existe para adorá-lo e buscá-lo, o resto é consequência! Devemos buscar Deus em primeiro lugar. A realidade é que a fome que temos de Deus vai determinar quanto teremos de sua presença, pois a plenitude de Deus está ligada ao tamanho do vazio de nosso coração. A Bíblia nos narra uma história que transmite lições importantes sobre isso:

Certo dia, a viúva de um dos membros do grupo de profetas foi pedir ajuda a Eliseu: “Meu marido, que o servia, morreu, e o senhor sabe como ele temia o SENHOR. Agora, veio um credor que ameaça levar meus dois filhos como escravos”.

“O que posso fazer para ajudá-la?”, perguntou Eliseu. “Diga-me, o que você tem em casa?”
“Não tenho nada, exceto uma vasilha de azeite”, respondeu ela.

Então Eliseu disse: “Tome emprestadas muitas vasilhas de seus amigos e vizinhos, quantas conseguir. Depois, entre em casa com seus filhos e feche a porta. Derrame nas vasilhas o azeite que você tem e separe-as quando estiverem cheias”.

A viúva seguiu as instruções de Eliseu. Seus filhos traziam vasilhas, e ela as enchia. Logo, todas estavam cheias até a borda.

“Traga mais uma vasilha”, disse ela a um dos filhos.

“Acabaram as vasilhas!”, respondeu ele. E o azeite parou de correr.

Quando ela contou ao homem de Deus o que havia acontecido, ele lhe disse: “Agora venda o azeite e pague suas dívidas. Você e seus filhos poderão viver do que sobrar”.

2Reis 4.1-7

Pare e pense: por que Deus mandaria uma viúva reunir o vazio? Pois foi isso o que ele fez. Ao pedir que ela juntasse o máximo de vasilhas cheias de nada, o que ele estava dizendo é que ela deveria reunir todo o vazio que pudesse. Que estranho!

A viúva não tinha ideia, mas o vazio acumulado determinaria a medida do enchimento! Quanto mais vazio ela apresentasse, mais seria cheia! O volume do seu vazio determina quanto você pode ser cheio!

Estamos acostumados a apresentar a Deus a “nossa plenitude” para que ele a “encha”. Costumamos orar assim: “Deus, veja como estou fazendo tudo certo. Olha como prego, oro, louvo, e evangelizo. Veja, Pai, como eu leio a Bíblia, como eu sou santo!”. A questão é que Deus não está interessado em encontrá-lo na sua melhor forma, naquela situação em que nos tornamos orgulhosos e começamos a achar que somos mais do que realmente somos. Essa é uma porta de entrada para a arrogância e a soberba. A questão é que Deus se opõe aos orgulhosos, mas concede graça aos humildes (Cf. Tg 4.6).

Deus não está interessado em abençoar a sua independência dele. Na verdade, a sua divina força é atraída pela nossa fraqueza. O Senhor lança fora o orgulho e corre atrás dos vazios. Portanto, nossa intimidade com Deus crescerá quando nos esvaziarmos de nós mesmo: de nossos recursos e preconceitos, de nossa força e autossuficiência, de nossos achismos e maus pensamentos. Aí sim, quando estivermos vazios de tudo o que nos faz

depositar as esperanças na força de nosso próprio braço, nosso vazio atrairá a presença de Deus.

Deus procura pessoas famintas por sua presença. Devemos buscá-lo, sim, nas Escrituras, mas, também, pessoalmente. Se você abre uma revista com reportagens sobre o cotidiano das celebridades, terá acesso a muitas informações sobre atores e atrizes e poderá falar sobre a vida pessoal deles. Porém, isso não é o mesmo que conhecê-los intimamente.

Conhecer a Deus é diferente de saber informações sobre Deus. Esse conhecimento é reservado para os que têm fome. Esses são os que fazem orações como esta: “Pai, incendeia-me! Estou desesperado, sedento de ti! Deus, eu me esvazio e peço-te que me enchas com teu fogo e me transforme em um incendiário do Espírito Santo, espalhando fogo dos céus nos corações humanos. Tenho sede de ti!”

E, uma vez que apresente o seu vazio a Deus, reúna o vazio da vizinhança e o enchimento será ainda maior. Isto é, não se contente em apresentar o seu vazio a Deus, precisamos reunir o vazio daqueles que estão ao nosso redor. E isso se faz intercedendo pelas outras pessoas. A intercessão é como reunir tigelas vazias e mostrá-las ao Pai. Quando seu vazio for totalmente completo pelo óleo que vem de Deus, ele deve transbordar para os outros. E, se você usar seu óleo em favor do próximo, ele se multiplicará!

Esse episódio deixa claro um profundo fato espiritual: a intimidade com Deus permite que as necessidades sejam supridas pela providência divina. Em outras palavras: a intimidade sacia a nossa fome.

A intimidade com Deus sacia a fome da alma

Em certa ocasião, Jesus disse para seus discípulos: “Meu alimento consiste em fazer a vontade daquele que me enviou e em terminar a sua obra” (Jo 4.34). Poderíamos nos perguntar a que, exatamente, ele estava se

referindo. O contexto dessa fala esclarece essa dúvida, pois, em seguida, Jesus lhes diz:

Vocês não costumam dizer: “Ainda faltam quatro meses para a colheita”? Mas eu lhes digo: despertem e olhem em volta. Os campos estão maduros para a colheita. Os que colhem já recebem salário, e os frutos que ajuntam são as pessoas que passam a ter a vida eterna. Que alegria espera tanto o que semeia como o que colhe! Vocês conhecem o ditado: “Um semeia e outro colhe”. E é verdade. Eu envio vocês para colher onde não semearam; outros realizaram o trabalho, e agora vocês ajuntarão a colheita.

João 4.35-38

Com essas palavras, Jesus explica que seu “alimento” é cumprir a divina vontade de realizar a obra de evangelização. Era semear o evangelho a fim de ceifar almas. Mas... para quê? Pela perspectiva de Deus, qual é o objetivo da salvação da humanidade?

Comunhão.

Deus criou o homem para ter comunhão íntima com ele. Pela ótica divina, a amizade, a intimidade com a humanidade, é a finalidade máxima do projeto humano sobre a terra. Desde que Adão foi formado, o Espírito de Deus o tinha em sua presença, passeando pelo jardim do Éden. Com a Queda, essa convivência tão próxima foi inviabilizada, mas, ainda assim, vemos Deus buscando proximidade com o ser humano. Enoque e Elias foram tomados para ele sem que passassem pela morte. Moisés viu a glória de Deus e foi chamado de amigo. Jesus não se conformou em transmitir ensinamentos aos discípulos que estavam no caminho de Emaús, mas foi além e compartilhou de um momento de comunhão com eles após a jornada.

Em certa ocasião, Jesus ensinou sobre a importância de ter a motivação certa para segui-lo:

No dia seguinte, a multidão que tinha ficado do outro lado do mar viu que os discípulos haviam pegado o único barco dali e que Jesus não fora com eles. Alguns barcos de Tiberíades se aproximaram do lugar onde o povo tinha comido os pães depois que o Senhor os abençoou.

Quando a multidão viu que nem Jesus nem os discípulos estavam ali, todos entraram nos barcos e atravessaram para Cafarnaum, a fim de procurá-lo. Encontraram-no do outro lado do mar e lhe perguntaram: “Rabi, quando o senhor chegou aqui?”.

Jesus respondeu: “Eu lhes digo a verdade: vocês querem estar comigo não porque entenderam os sinais, mas porque lhes dei alimento. Não se preocupem tanto com coisas que se estragam, como a comida, mas usem suas energias buscando o alimento que permanece para a vida eterna, o qual o Filho do Homem pode lhes dar. Pois Deus, o Pai, colocou em mim seu selo de aprovação”.

João 6.22-26

O ministério de Jesus estava no auge. Sinais, maravilhas, curas e milagres acompanhavam sua pregação. Até pães e peixes se multiplicavam por seu poder. Multidões de muitas cidades e vilarejos iam ouvi-lo. Jesus, no entanto, observou a motivação daqueles que o seguiam. Em meio à multidão, aquele que sonda e conhece os corações enxergou três grupos de pessoas: os que o seguiam pelos milagres que fazia, os que iam até ele pela provisão de suas necessidades e os que o seguiam por quem ele era.

A constatação das motivações equivocadas veio pela afirmação: “vocês querem estar comigo não porque entenderam os sinais, mas porque lhes dei alimento”. Já a orientação para a motivação correta veio logo depois: “usem suas energias buscando o alimento que permanece para a vida eterna, o qual o Filho do Homem pode lhes dar”. Com isso, ele confrontou os fundamentos daquela cultura com uma mensagem que dizia: não sejam materialistas nem interesseiros, mas tenham os olhos naquilo que é eterno.

Aos homens e mulheres que desejavam pão de trigo para comer, Jesus apontou-lhes o que eles precisavam desejar ardentemente: saciar a fome com o “pão” que desceu dos céus para dar vida eterna: “Eu sou o pão da vida. Quem vem a mim nunca mais terá fome. Quem crê em mim nunca mais terá sede” (v. 35)

É claro que Deus quer abençoar o seu povo! Mas, quando desejamos as bênçãos e os dons mais do que a intimidade e a amizade do próprio Deus, a bênção acaba virando uma armadilha. Como explicou Paulo:

Mas aqueles que desejam enriquecer caem em tentações e armadilhas e em muitos desejos tolos e nocivos, que os levam à ruína e destruição. Pois o amor ao dinheiro é a raiz de todo mal. E alguns, por tanto desejarem dinheiro, desviaram-se da fé e afligiram a si mesmos com muitos sofrimentos.

1Timóteo 6,9-10

Com isso, vemos que o problema não é desejar bênçãos, mas não entender o porquê das bênçãos. Tudo o que Deus faz — incluindo os milagres, os sinais e as bênçãos materiais — tem o propósito maior de nos revelar Jesus e nos aproximar mais e mais dele, a fim de que desenvolvamos a intimidade e a amizade que a humanidade tinha com Deus no jardim do Éden.

7

TRANSFORMADOS PELA INTIMIDADE

O apóstolo Paulo fez uma afirmação vigorosa e importantíssima ao escrever para os cristãos da cidade de Filipos, na Grécia: “Tenho certeza de que aquele que começou a boa obra em vocês irá completá-la até o dia em que Cristo Jesus voltar” (Fp 1.6). Em suas viagens missionárias, Paulo fundava igrejas e as supervisionava, algumas vezes pessoalmente, outras por carta. Seu objetivo era o crescimento e o desenvolvimento da fé daqueles que creram.

Nesse trecho da epístola aos filipenses, ele se reconhece como simples instrumento e credita ao Espírito Santo essa obra, tanto o início quanto o término dela. Ele sabia que, por maior que fosse seu esforço e sua dedicação, a transformação interior era individual e resultava das próprias experiências com Deus.

Com essas palavras, era como se Paulo dissesse: “No que depender de mim, todos vão alcançar o máximo de seu potencial, mas nem tudo depende de mim e cada um de vocês escreverá sua história com Deus, a partir de suas experiências e da intensidade da entrega pessoal”. Paulo sabia, por experiência, que Deus nos vê como únicos, e que a busca

individual distingue quando e como a obra de Deus para cada um será completa. O apóstolo também sabia que Deus iria tocá-los e transformá-los de acordo com seus propósitos e a disposição do coração de cada um.

Deus usa pessoas para auxiliar cada indivíduo, mas o crescimento e a transformação pessoais dependem diretamente de quanto a pessoa o procura e de quão vazio de si mesmo se faz, para que ele possa encher cada um com a sua presença. Para entender melhor essa questão, vamos analisar um episódio da vida de um profeta que foi muito usado por Deus e desenvolveu uma intimidade como poucos: Daniel.

Em 23 de abril daquele ano, estava em pé próximo ao grande rio Tigre. Levantei os olhos e vi um homem vestido com roupas de linho e um cinto de ouro puro. Seu corpo era semelhante a uma pedra preciosa. Seu rosto faiscava como relâmpago, e seus olhos eram como tochas acesas. Seus braços e seus pés brilhavam como bronze polido, e sua voz era como o som de uma grande multidão.

Somente eu, Daniel, tive essa visão. Os homens que estavam comigo não viram coisa alguma. De repente, porém, eles se encheram de terror e correram para se esconder. Assim, fiquei ali sozinho e tive essa visão extraordinária. Perdi as forças, fiquei muito pálido e quase desfaleci. Então ouvi o homem falar e, ao som de sua voz, perdi os sentidos e fiquei ali estendido, com o rosto no chão.

Nesse instante, a mão de alguém me tocou e me pôs, ainda trêmulo, sobre minhas mãos e meus joelhos. E o homem me disse: “Daniel, você é muito precioso para Deus; por isso, ouça com atenção o que tenho a lhe dizer. Levante-se, pois fui enviado a você”. Quando ele me disse isso, me levantei, ainda tremendo.

Em seguida, ele disse: “Não tenha medo, Daniel. Pois, desde o primeiro dia em que você começou a orar por entendimento e a se humilhar diante de seu Deus, seu pedido foi ouvido. Eu vim em resposta à sua oração”.

Daniel 10.4-12

Preste atenção no trecho destacado: “*Nesse instante, a mão de alguém me tocou*”. O termo original no hebraico que foi traduzido por “tocou” tem como um de seus significados “agarrou violentamente”. É exatamente assim quando Deus toca a vida de alguém: será sempre uma experiência marcante e definitiva, na qual orgulho e independência dão lugar a quebrantamento, temor e contrição.

Mas, por que nem todos podem contar como foram agarrados por Deus? Por que Deus toca apenas alguns dessa forma, com essa intensidade, enquanto outros continuam sua vida satisfeitos com o que já viveram? Aqueles que são tocados de modo especial por Deus desenvolvem um tipo de relacionamento com ele que nitidamente é mais íntimo e pessoal. Eles recebem revelações do céu e caminham em uma dimensão em que nem todos caminham.

Abraão, Moisés, Samuel, Davi, Pedro, Paulo e tantos outros em suas gerações viveram coisas que outros não viveram. Todos foram tocados de maneira sobrenatural. Sua vida ganhou sentido eterno. Eles foram transformados, de dentro para fora, em outras pessoas. E por que eles? O que Deus encontrou de diferente neles?

No caso de Daniel, havia muitas outras pessoas piedosas que serviam a Deus no cativeiro babilônico, como Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, assim como Baruque, um escriba de Jerusalém. Muitos outros israelitas mantinham igualmente a sua fé naquela terra do exílio. Então, por que Deus tocou justamente Daniel e apenas ele foi capaz de ver e ouvir aquelas coisas, que ninguém mais conseguia? “Somente eu, Daniel, tive essa visão. Os homens que estavam comigo não viram coisa alguma”. Tudo leva a crer que era uma visão do próprio Jesus, pois a descrição do homem que Daniel vê é idêntica à que João faz do Jesus em glória em sua visão na ilha de Patmos:

Quando me volvei para ver quem falava comigo, vi sete candelabros de ouro e, em pé entre eles, havia alguém semelhante ao Filho do Homem. Vestia um manto comprido, com uma faixa de ouro sobre o peito. A cabeça e os cabelos eram brancos como a lã e a neve, e os olhos, como chamas de fogo. Os pés eram como bronze polido, refinado numa fornalha, e a voz ressoava como fortes ondas do mar.

Apocalipse 1.12-15

Havia uma razão específica para justamente Daniel ter sido escolhido: Deus decidiu que havia chegado a hora de entregar uma mensagem

àquela geração, pois queria que os seus servos soubessem o que ele estava prestes a fazer e por quê. Por essa razão, o mensageiro celestial disse a Daniel: “Agora estou aqui para explicar o que acontecerá com seu povo no futuro, pois essa visão se refere a um tempo que ainda está por vir” (Dn 10.14). Deus precisava de uma voz para declarar a sua mensagem, de alguém disposto, que respondesse fielmente ao seu chamado. Era preciso ser alguém que procurava por mais que bênçãos materiais, comida, família e saúde: um servo que buscasse ardentemente a sua face.

Daniel, o servo destemido que desafiava a morte para orar a seu Deus, era esse homem. Deus iniciava, então, o processo de preparar Daniel para receber uma palavra dos céus, esvaziando o vaso para, depois, o transbordar de sua presença.

Santificação é indispensável

Deus tem uma mensagem para transmitir à nossa geração. Agora mesmo, ele está procurando quem a possa levar. Ele quer homens e mulheres que servirão como seus mensageiros para o mundo. Deus está levantando servos tocados por Deus e que sejam habitação do Espírito Santo. Ele está provando esses filhos no fogo e o seu toque nessas vidas será evidente e inegável. E, certamente, serão pessoas de oração. Pois ele busca pessoas com quem tenha intimidade.

A oração é o meio de comunicação entre os homens e Deus. Daniel era um homem que orava intensa e frequentemente (Cf. Dn 6.10-11; 9.3, 20-23; 10.12). O texto bíblico deixa claro que as orações de Daniel provocaram uma resposta vinda do trono de Deus: “Não tenha medo, Daniel. Pois, desde o primeiro dia em que você começou a orar por entendimento e a se humilhar diante de seu Deus, seu pedido foi ouvido. Eu vim em resposta à sua oração”.

Que tipo de oração Daniel fez para despertar tal visita? “Eu, Daniel, recebi essa visão depois de passar três semanas de luto. Durante todo esse

tempo, não havia comido nada saboroso. Não tinha provado nenhuma carne e nenhum vinho e não tinha usado nenhuma loção perfumada até passarem as três semanas” (Dn 10.2-3). O profeta havia passado vinte e um dias se humilhando, em total quebrantamento, mortificando sua carne, dispondo o coração para ouvir a Deus. É como se estivesse dizendo: “Senhor, não deixarei tua presença enquanto eu não discernir o que estás fazendo. Não importa o preço que eu tenha de pagar”. Nós também precisamos receber revelação e entendimento, não apenas racional, mas da mente e do coração de Deus, que nos transforme e dê sentido à vida. Só o toque de Deus pode fazer isso.

Deus tocou os lábios de Daniel para que ele pudesse falar como seu mensageiro. Por meio desse gesto, Deus deixava claro que seu ofício agora seria espiritual e sobrenatural, algo que não dependesse de sua força nem de suas habilidades. Ele santificou os lábios do profeta, pois desejava falar por intermédio dele. O mesmo aconteceu com Isaías e Jeremias.

Qualquer pessoa que fale por Deus precisa ter seus lábios santificados. Ele está procurando pessoas que queiram investir seu tempo na busca vigorosa por sua presença, sua intimidade e seu poder. Você poderia alegar que não pode ficar horas orando, pois tem muitas tarefas e obrigações. Lembre-se, então, de que Daniel era um homem muito ocupado, possivelmente, muito mais que você.

Como proeminente funcionário do governo da Babilônia, Daniel dedicava-se a assuntos muito importantes do império. Mesmo assim, reservou em sua agenda, todos os dias, três encontros com Deus. O Senhor está procurando por quem deseje buscá-lo de maneira igualmente vigorosa. Ele quer que seus filhos almejem intensamente a manifestação do seu poder e a revelação da sua glória. Filhos que apresentem ao mundo um Jesus Cristo vivo, presente e pessoal.

A intimidade de Daniel com o Senhor era tamanha que ele sofria as dores do coração de Deus. “Eu, Daniel, fiquei perturbado com tudo que

tinha visto, e minhas visões me aterrorizaram” (Dn 7.15). Daniel buscava o Senhor continuamente e, então, os céus se abriram a ele, permitindo-lhe ter visões do futuro. Aquele homem se movia em uma espantosa dimensão profética, porque havia se identificado com as necessidades e os sonhos do coração de Deus.

Deus, então, revelou a Daniel o seu plano. Mostrou-lhe que iria esmagar e destruir as nações perversas. Também permitiu-lhe saber que o dia do juízo estava próximo, e o tempo ia se acabando. Deus revelou a ele que Jesus estava chegando, e logo os livros celestiais seriam abertos. No entanto, surpreendentemente, o povo de Deus estava em sono profundo, desligado de tudo.

Daniel sofreu o luto dessa morte espiritual da nação e da depravação entre o povo de Deus — uma situação muito parecida com a de nossos dias. Muitos cristãos estão fechados aos alertas proféticos, com ouvidos cerrados a tudo que seja negativo. Para eles, o importante é aproveitar a vida e as bênçãos de Deus. Muitas dessas pessoas não derramam uma lágrima sequer pela nossa nação pecadora ou pela indiferença e frieza de enorme parcela da igreja.

Deus se revela àqueles que não ocultam seus pecados. Daniel estava sendo consumido pelo zelo de conhecer o coração de Deus. E, abertamente, confessou suas transgressões.

Orei ao SENHOR, meu Deus, e confessei: “Ó Senhor, és Deus grande e temível! Tu guardas tua aliança de amor leal para com os que te amam e obedecem a teus mandamentos. Contudo, nós pecamos e fizemos o mal. Fomos rebeldes contra ti e desprezamos teus mandamentos e estatutos. Não demos ouvidos a teus servos, os profetas, que falaram em teu nome a nossos reis, príncipes, antepassados e a todo o povo da terra.

Daniel 9.4-6

Se há pecado oculto, falta poder e autoridade. Uma igreja pode organizar reuniões de oração regularmente, mas, sem pureza, tal oração é

inconsequente. Você pode ser metódico e disciplinado em sua vida de oração, mas, sem santidade, não verá a manifestação do poder de Deus.

Portanto, se você pecou, confesse o pecado, sem permitir que o maligno o bombardeie com acusações e palavras de condenação. Abandone o pecado e purifique o coração e a mente.

O exército de Deus

Procure com vigor o toque de Deus. Busque comunhão com ele. Jeje e permita que o Espírito Santo examine o seu coração. Separe um tempo para se dedicar exclusivamente a Deus. Não permita que as muitas atividades o tornem escravo da sua agenda. Priorize seu tempo com Deus e peça-lhe que sonde sua vida e aponte tudo que não esteja de acordo com sua vontade. Ele lhe mostrará o que de mais ímpio, rebelde e pecaminoso está escondido em seu coração e tratará tudo o que for necessário.

O resultado desse processo de busca pela intimidade com Deus, a curto prazo, será uma intolerância da sua parte às hipocrisias e concessões que hoje há em sua vida. Suas orações se transformarão em choro em favor de santidade. O pecado vai enojá-lo e entristecê-lo profundamente. Quando você vivenciar essa realidade, saberá que Deus o tocou. Esse asco pelo pecado revela que ele iniciou o trabalho de transformá-lo, ungi-lo e prepará-lo para uma obra maior.

Ficamos impotentes e desanimados ao nos darmos conta da influência das trevas neste século. É triste ver como a sociedade está sendo doutrinação para chamar o mal de bem e o bem de mal. Os valores e princípios de Cristo estão sendo distorcidos e a fé está sendo ridicularizada e rejeitada. Tudo isso nos abate, naturalmente. Mas nada disso surpreende a Deus. Ele tem um plano de ação para cada geração, e só precisa encontrar alguém disposto a viver em profunda intimidade com ele — como Daniel.

A sociedade babilônica não era menos corrompida que a nossa. Porém, a comunhão de Daniel com Deus o levou a fazer a diferença em seus dias. Deus também tem um plano para a nossa era. Ele está tocando corações e levantando seu exército, que conta com pessoas de todas as idades que buscam a Deus, com vigor, em oração.

Muitos foram provados e suportaram dores e sofrimentos quase além dos limites humanos. A fé dos tais brotou em meio à tribulação e, como resultado, eles construíram um legado espiritual de intimidade e amizade com Jesus. Esses são conhecidos no céu e lembrados com amargura nas esferas celestiais da maldade.

Neste instante, Deus está preparando o exército desta geração, formado por pessoas famintas por mais e mais intimidade com Deus e sedentas de sua presença. Suas armas são oração, santidade e adoração. Seus lábios foram tocados por brasas vivas no altar de Deus e pregam palavras profundas, que revelam o coração do Todo-poderoso.

Você faz parte desse exército? Se deseja estar entre aqueles que viverão experiências extraordinárias e inigualáveis da parte de Deus, não há tempo a perder, pois a guerra já está acontecendo. Busque a Deus. Tenha sede por sua presença. Tenha fome por ver sua face. Como? Buscando, a cada novo dia, mais e mais intimidade com aquele que o chamou para caminhar em sua companhia por esta vida e por toda a eternidade.

SOBRE O AUTOR

Rinaldo Luiz de Seixas Pereira é líder e fundador da Igreja Bola de Neve. Formado em Comunicação Social, é pós-graduado em Administração em *Marketing*. Formado em Teologia. Criou o Instituto Global de Ensino Teológico, que forma líderes, missionários e pastores. Tem como objetivo de vida conectar as próximas gerações ao coração de Deus. É casado com a pastora Denise de Seixas Pereira e é pai de Nathan, Rinaldo Neto, Raquel e Renan.

Conheça outras obras de

Rinaldo Seixas

- Unidos pelo casamento
- Código de honra
- Maior que a tempestade
- Meu dia melhor
- Transforme-se
- Realize seus sonhos

Veja mais neste [link](#).

Compartilhe suas impressões de leitura escrevendo para:

opinio-do-leitor@mundocristao.com.br

Acesse nosso *site*: <www.mundocristao.com.br>